

1 CORÍNTIOS

Introdução

Esboço

Capítulo 1	Capítulo 5	Capítulo 9	Capítulo 13
Capítulo 2	Capítulo 6	Capítulo 10	Capítulo 14
Capítulo 3	Capítulo 7	Capítulo 11	Capítulo 15
Capítulo 4	Capítulo 8	Capítulo 12	Capítulo 16

INTRODUÇÃO

A cidade de Corinto. Corinto era um rico centro comercial, situado sobre o estreito istmo que liga o território da Grécia propriamente dita com o Peloponeso. Sua história pode ser convenientemente dividida em duas partes. A cidade, que de acordo com a lenda, era o lugar onde a Argo de Jasom foi construída, sendo destruída por Lúcio Múmio Acaico, o cônsul romano, em 146 a.C. Foi o fim do primeiro capítulo de sua história. Era inevitável, entretanto, que uma cidade tão favoravelmente localizada fosse ressuscitada. Por isso, em 46 a.C., a nova cidade foi construída por Júlio César, recebendo o "status" de colônia romana. Rapidamente readquiriu sua importância comercial e, em aditamento, tomou-se sob diversos aspectos a principal cidade da Grécia. A importância da cidade deve ter influenciado o apóstolo Paulo em seus esforços missionários. Sendo o ponto central do comércio norte-sul e leste-oeste e contendo uma população de caráter misto – romanos, gregos e orientais – Corinto era um centro estratégico. Na verdade, era chamada "o Império em miniatura"; – "o Império reduzido a um só Estado" (ICC, pág, xiii). Uma mensagem proclamada e ouvida em Corinto encontraria o seu carrinho, às mais distantes regiões do mundo habitado. Não foi por menos, então, que Paulo fosse "constrangido pela Palavra" (Atos 18:5) a testificar em Corinto. Com a pressão interna feita

pelo Senhor e pela Palavra, poderia também haver uma pressão externa – a porta aberta na Corinto cosmopolita.

E finalmente, o caráter moral de Corinto era solo fértil para as gloriosas boas novas do Messias. A velha cidade possuía o formoso Templo de Afrodite, onde mi prostitutas sagradas estavam à disposição dos seus devotos. O mesmo espírito, se não o mesmo templo, prevalecia na nova cidade. O provérbio, de significado sexual, "nem todos podem visitar Corinto", era voz corrente (cons. MNT, pág. xviii). A palavra grega *Korinthiazomai*, que literalmente significa, agir como um coríntio, passou a significar "fornicar" (cons. LSJ, pág. 981).

"Todo grego" escreveu Moffat, "sabia o que significava a expressão - moça coríntia" (MNT, *loc. cit.*). O popular comentador escocês, William Barclay disse: "Aelian, o falecido escritor grego, conta-nos que sempre que um coríntio aparecia no palco, em uma peça grega, aparecia bêbado" (William Barclay, *The Letters to the Corinthians*, pág. 3). Não é necessário multiplicar referências e ilustrações; Corinto era conhecida por tudo o que fosse depravação, dissolução e devassidão. Foi providencial que Paulo se encontrasse em Corinto quando escreveu a Epístola aos Romanos. De nenhuma outra cidade ele teria recebido tal incentivo, para escrever sobre o pecado do homem, e em nenhuma outra cidade ele teria a oportunidade de ver melhor exemplo dele. Contemplando as pessoas enquanto esteve hospedado em casa de Gaio, ele teve ocasião de catalogar os pecados humanos apresentados em Romanos 1:18-32. Com tal cenário por fundo, surgiu a Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios, a epístola da santificação. É como se hoje em dia alguém enviasse uma carta sobre santidade para um grupo de crentes em Paris ou Singapura.

Origem da Igreja. A história da organização da igreja em Corinto foi narrada por Lucas, em Atos 18:1-17. Paulo chegou à cidade em sua segunda viagem missionária, em 50 A.D., e logo foi o primeiro a pregar ali o evangelho. Enquanto morava e trabalhava com Áqüila e Priscila, começou o seu ministério na sinagoga, um ministério que se estendeu

por dezoito meses. Um notável aspecto do método de pregação do apóstolo encontramos no texto ocidental de Atos 18:4, *E entrando na sinagoga todos os sábados ele discursava, intercalando o nome do Senhor Jesus, e tentava persuadir não apenas os judeus mas também os gregos.* **Intercalando o nome do Senhor Jesus** deve se referir à aplicação das Escrituras do Velho Testamento a Cristo. Em outras palavras, ele pregava Jesus de Nazaré como cumprimento da profecia messiânica. Ele, portanto, seguia a metodologia do próprio Senhor, o qual, na Estrada de Emaús, com os dois discípulos, começou em Moisés e todos os profetas e lhes expôs todas as Escrituras, que lhe diziam respeito (cons. Lc. 24:27). A reação diante da pregação de Paulo foi diferente da reação diante do ensino de Jesus. Na maioria das vezes, os corações dos ouvintes de Paulo não queimavam com interesse pela verdade; queimavam com a oposição à verdade. E Paulo foi obrigado a partir (Atos 18:6). Mudando-se para a casa de Tito Justo (possivelmente o Gaio de I Co. 1:14 e Rm. 16:23; William Ramsay, *Structures of the Apostolic Church*, pág. 205), Paulo continuou pregando "em fraqueza, temor, e grande tremor" (I Co. 2:3). E quem não temeria naquelas circunstâncias? O lugar de reuniões da pequena assembléia ficava ao lado da sinagoga! O Senhor, entretanto, apareceu a Paulo em uma visão e o encorajou com a promessa que Ele tinha "muito povo" em Corinto (cons. Atos 18:9, 10). Esta promessa deve ter constituído um grande conforto para o apóstolo nos anos subseqüentes, quando a frouxidão moral dos crentes devia ter-lhe dado motivos de duvidar da genuinidade do trabalho ali. Depois de concluir seu ministério em Corinto, Paulo retornou a Jerusalém e Antioquia.

Autoria da Carta. As evidências externas e internas da autoria Paulina da carta são tão fortes, que realmente torna-se desnecessário dar ao assunto mais do que uma atenção superficial. Clemente de Roma, que escreveu em 95 A.D, mais ou menos, refere-se à epístola dizendo-a do "bendito Paulo, o apóstolo". Esta é a mais antiga citação de um escritor do Novo Testamento, identificado pelo nome (ICC, pág. xvii). Inácio,

Policarpo e outros fornecem abundantes evidências externas adicionais. As evidências internas – de estilo, vocabulário e conteúdo – harmonizam-se com o que sabemos de ambos, Paulo e Corinto. Este é um genuíno produto do apóstolo Paulo.

Lugar onde foi escrita. Paulo escreveu a carta em Éfeso (cons. I Co. 16:8), não de Filipos.

Data quando foi escrita. A data não pode ser fixada com certeza absoluta, mas parece provável que a epístola foi escrita durante a última parte, da prolongada permanência de Paulo em Éfeso (cons. Atos 19:1 - 20:1). Isto seria em cerca de 55 A.D.

Ocasão quando foi escrita. Antes de dar uma idéia da ocasião em que foi escrita a carta, seda sábio fazer um esboço da ordem dos contatos e correspondência que Paulo manteve com a assembléia de Corinto. Embora quase todos os pontos do esboço sejam discutíveis, a defesa não está dentro do propósito desta breve introdução.

1. O primeiro contato de Paulo com eles foi o acima mencionado, a visita na qual as boas novas foram pela primeira vez pregadas aos coríntios. De acordo com 2:1, 3:2 e 11:2, parece que esta foi a única visita antes da composição da canônica I Coríntios.

2. Depois dessa visita inicial, Paulo escreveu uma carta à igreja, a qual se perdeu (cons. 5:9).

3. Quando notícias perturbadoras chegaram sobre os crentes e uma carta pedia informações, Paulo escreveu I Coríntios.

4. Ao que parece, os problemas na igreja não foram resolvidos pela epístola, pois o apóstolo viu-se forçado a fazer à igreja uma visita apressada e difícil (cons. II Co. 2:1; 12:14; 13:1, 2).

5. Seguindo essa visita penosa, o apóstolo escreveu à igreja uma terceira carta de caráter muito severo, à qual ele se refere em II Cor. 2:4.

6. A ansiedade do apóstolo por causa da igreja era tão grande, que não quis ficar esperando por Tito em Trôade, o portador da carta severa, mas dirigiu-se apressadamente à Macedônia. Ali encontrou-se com Tito e ficou sabendo que a carta produzira resultados; tudo ia bem em

Corinto. Da Macedônia Paulo escreveu a canônica II Coríntios (cons. II Co. 2:13; 7:6-16).

7. Ele, então, seguiu sua última carta com sua última visita à igreja, da qual temos evidência (cons. Atos 20:1-4).

A ocasião em que foi escrita I Coríntios pode ser descoberta por diversas indicações. Em primeira lugar, o apóstolo recebera de duas fontes notícias de divisões dentro da igreja (cons. I Co. 1:11; 16:17). O mais sério dos elementos alienígenas pode ter sido os judaizantes (cons. 1:12; 9:1). Em segundo lugar, vindos da igreja de Corinto, chegaram a Éfeso, Estéfanos, Fortunato e Acaico (cons. 16:17). O trio trouxe uma carta dos crentes na qual havia uma série de perguntas para Paulo responder. As perguntas podem ser encontradas na frase-chave freqüente, "quanto às cousas" (*peri de*; veja 7:1, 25; 8:1; 12:1; 16:1, 12). Em terceiro lugar, certos assuntos parecem ser simplesmente "o resultado espontâneo dos pensamentos preocupados do apóstolo por causa da Igreja de Corinto" (ICC, pág. xxi).

Principais Características da Carta. Talvez o aspecto principal desta epístola seja a ênfase dada à vida da igreja local. A ordem e os problemas da igreja primitiva estão diante do leitor. Se Romanos pode ser chamada de carta teológica, I Coríntios é certamente uma obra prática. Se em Romanos Paulo parece um professor moderno de Teologia Bíblica, em I Coríntios ele parece um pastor-professor, enfrentando o cuidado com a igreja na linha de frente da guerra cristã.

Por outro lado, a carta não é totalmente prática na sua ênfase. O mais importante capítulo do Novo Testamento, que fala da ressurreição de Jesus Cristo, é provavelmente I Coríntios 15, e certamente a mais importante seção do Novo Testamento, sobre os dons espirituais, encontra-se em I Coríntios 12, 13, 14.

E, é claro, esta grande carta tem sido conhecida principalmente pelo seu grande lirismo sobre o amor, no capítulo 13. Aí se vê até que altura pode um homem subir na obra espiritual, quando despertado pelo

Espírito Santo de Deus. A genialidade do homem Paulo irrompe aqui com efeito indescritível.

Finalmente, é interessante mencionar que esta é a mais longa epístola de Paulo.

Plano da Carta. A argumentação paulina é simples e clara, assunto seguindo assunto, ordenadamente, com as divisões claramente demarcadas. O esboço abaixo é utilizado na exposição.

ESBOÇO

I. Introdução. 1:1-9.

A. Saudação. 1:1-3 .

B. Ação de Graças. 1:4-9.

II. As divisões na igreja. 1:10 - 4:21.

A. O fato das divisões. 1:10-17.

B. As causas das divisões. 1 : 18 - 4 : 5.

1. Causa 1: Má interpretação da mensagem. 1:18 - 3:4.

2. Causa 2: Má interpretação do ministério. 3:5 - 4:5.

C. Aplicação e conclusão. 4:6-21.

III. As desordens na igreja. 5:1 - 6:20.

A. Ausência de disciplina. 5:1-13.

B. Os litígios diante dos pagãos. 6:1-11.

C. A frouxidão moral da igreja. 6:12-20.

IV. As dificuldades na igreja. 7:1 - 15:58.

A. Conselho relativo ao casamento. 7:1-40.

1 . Prólogo. 7:1-7.

2. Os problemas do casamento. 7:8-38.

3. O "postscript". 7:39, 40.

B. Conselho relativo às coisas sacrificadas aos ídolos.

8:1 - 11:1.

1. Os princípios. 8:1-13.

2. A ilustração dos princípios. 9:1-27.

3. Advertência e aplicação aos coríntios. 10:1 - 11:1.

- C. Conselho referente ao véu usado pelas mulheres nos cultos públicos.
 - 1. Razão teológica. 11:2-6.
 - 2. Razões bíblicas. 11:7-12.
 - 3. Razões físicas. 11:13-16.
- D. Conselho referente à Ceia do Senhor. 11:17-34.
 - 1. A indignação de Paulo. 11:17-22.
 - 2. Revisão de instruções passadas. 11:23-26.
 - 3. Aplicação aos coríntios. 11:27-34.
- E. Conselho referente aos dons espirituais. 12:1 - 14:40.
 - 1. A validade do pronunciamento. 12:1-3.
 - 2. A unidade dos dons. 12:4-11.
 - 3. A diversidade dos dons. 12:12-31a.
 - 4. A primazia do amor sobre os dons. 12:31b - 13:13.
 - 5. A superioridade da profecia, e o culto público da igreja. 14:1-36.
 - 6. Conclusão. 14:3-40.
- F. Conselho relativo à doutrina da ressurreição. 15:1-58.
 - 1. A certeza da ressurreição. 15:1-34.
 - 2. A consideração de certas objeções. 15:35-57.
 - 3. Apelo final. 15:58.
- V. Conclusão: Assuntos práticos e pessoais. 16:1-24.
 - A. A coleta para os pobres. 16:1-4.
 - B. A planejada visita de Paulo. 16:5-9.
 - C. Recomendações, exortações, saudações e bênção apostólica, 16:10-24.

COMENTÁRIO

1 Coríntios 1

I. Introdução. 1:1-9

A. Saudação. 1:1-3.

A introdução, formada de saudação e ação de graças, abre o caminho para a discussão a seguir e, no verdadeiro estilo paulino, contém importantes indicações quanto à responsabilidade da carta.

1. Chamado apóstolo (gr. um apóstolo por vocação, força do adjetivo verbal) acentua a iniciativa divina na convocação de Paulo para o ofício. Esta frase, com o reforço, **pela vontade de Deus**, tem a intenção de atingir àqueles em Corinto, que possam ter duvidado do seu direito de falar com autoridade (cons. 9:1). **Irmão Sóstenes** (lit. *o irmão*) pode indicar o chefe da sinagoga mencionada em Atos 18:17, mas isto não se pode provar. O artigo definido pode significar nada mais que o fato de ser ele um cristão muito conhecido. Se, no entanto, este é o Sóstenes coríntio da narrativa de Lucas, então o espancamento que recebeu dos gregos foi uma bênção; tornou-se cristão!

2. A igreja é a igreja de Deus, não de Cefas, ou Apolo, ou mesmo de Paulo (cons. 1:12).

Santificados em Cristo Jesus introduz uma importante doutrina, ainda que muito mal-interpretada. O termo grego *hagiazō* significa "santificar", não no sentido de "tornar santo", mas no sentido de "separar" para posse e uso de Deus (cons. Jo. 17:19). Os cristãos não são sem pecado, ainda que deveriam pecar menos. A santificação bíblica é quádrupla: 1) primária, equivalente à "graça eficaz" da teologia sistemática (cons. II Ts. 2:13; I Pe. 1:2); 2) posicional, uma posição perfeita na santidade, verdadeira para todos os crentes, desde o momento da conversão (cons. Atos 20:32; 26:18); 3) progressiva, equivalente ao crescimento diário na graça (cons. Jo. 17:17; Ef. 5:26; II Co. 7:1); 4) prospectiva, para final semelhança com Cristo posicional e praticamente (cons. I Ts. 5:23). O uso do participio perfeito aqui, refere-se à santificação posicional. Agora os crentes são santos, não por canonização humana, mas por operação divina. O alvo de Paulo na carta era despertar a vida prática dos coríntios, para uma conformação mais definida com sua posição em Cristo.

Com todos os que em todo o lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso. Não estende a saudação a todos os cristãos, mas previne contra a tendência de confinar os ensinamentos apenas a Corinto (cons. I Co. 4:17; 7:17; 11:16; 14:33, 36), uma confirmação adicional da unidade do corpo.

3. As já familiares **graça e paz** referem-se à graça e paz na vida cristã. Não se referem à graça, que introduz um homem nesse tipo de vida, nem à paz que se lhe segue (cons. Jo. 1:16; 14:27).

B. Ação de Graças. 1:4-9.

A ação de graças não é irônica, nem foi dirigida apenas a uma certa parte da assembléia. Muito menos é simplesmente uma tentativa cortês de "ganhar amigos e influenciar pessoas", embora seja verdade que "a censura fica melhor quando vem depois do louvor" (MNT, pág. 7). É, antes, uma verdadeira estimativa da posição dos coríntios em Cristo, e forma a base para o apelo que Paulo faz em prol da conformidade prática com isto. O apóstolo destaca seus dons de palavra e conhecimento com ênfase especial.

4. Graças a meu Deus. Aquele que é o responsável pelos dons espirituais mais tarde mencionados.

5. Palavra. Provavelmente inclui mais do que o dom de línguas (cons. 12:8-10, 28-30). Os coríntios tinham uma grande coleção de dons da palavra (veja 14:26).

7. O resultado de seu enriquecimento é que **de maneira que não nos falte nenhum dom.** Enquanto a palavra *karisma*, traduzida para **dom**, tem uma grande variedade de significados, aqui provavelmente se refere aos dons espirituais no sentido técnico (cons. 12:1 – 14:40). **Aguardando**, uma palavra composta de forte sentido duplo, significando *esperar ardentemente* ou *ansiosamente* (Arndt, pág. 82), expressa a atitude dos crentes quando usam os dons no culto a Deus.

8. Confirmará foi usada no grego koinê, como termo legal técnico, referindo-se a uma segurança devidamente garantida (*ibid*, pág. 138).

Eles tinham a garantia divina que compareceriam diante dEle na volta de Cristo. **Irrepreensíveis**. Literalmente, *inacusáveis*, ou "incontestáveis" (Leon Morris, *The First Epistle of Paul to the Corinthians*, pág. 37). "Isto implica não em simples absolvição, mas na ausência de qualquer gravame ou acusação contra uma pessoa" (W.E. Vine, *Expository Dictionary of New Testament Words*, 1, 131; Rm. 8:33).

9. Tudo se baseia no fato de que **fiel é Deus. Comunhão** tem como seu primeiro impulso o conceito de uma participação em algo, e depois de uma participação comum. Assim, todos os crentes têm uma participação em Cristo e, conseqüentemente, uma participação de uns com os outros. Esse é o ponto principal sobre o qual Paulo ataca o espírito partidário, o clímax do ataque sendo alcançado em 3:21-23.

II. As Divisões na Igreja. 1:10 - 4:21.

A. O Fato das Divisões. 1:10-17.

A primeira e principal responsabilidade da carta, a dissensão na vai ser agora considerada. O não a abandonará até o momento que escrever as palavras, "Que quereis? Irei ter convosco com vara ou com amor e espírito de mansidão?" (4:21). Os versículos introdutórios da passagem (1:10-17) declaram os fatos conforme trazidos pelos servos da casa de Cloe.

10. Porém (E.R.C.) (adversativa de "mas") que introduz o diagnóstico de Paulo. Suas palavras iniciais são um apelo para o bem da união. **Sejais inteiramente unidos, na mesma disposição mental**. Uma palavra grega versátil, usada com referência ao ajustamento de partes de um instrumento, na colocação dos ossos no lugar feita por um médico, no remendar de redes (Mc. 1:19), como também com referência ao preparo de um navio para uma viagem. Ajustamento tendo em vista a união é o apelo.

11. Pois. Introduzindo a razão para o apelo. **Contendas**. Uma obra da carne (cons. Gl. 5:20), revelando a presença de divisões.

12. Refiro-me ao fato. Antes, *o que eu quero dizer*. O grupo de **Apolo** parece que era um grupo que preferia um estilo mais polido e retórico do talentoso alexandrino. Existem muitos membros modernos desse tipo de facção, tais como a mulher que confessou : "Eu quase choro, sempre que ouço meu pastor pronunciar essa bendita palavra *Mesopotâmia!*" O partido de **Cefas** ao que parece duvidava das credenciais de Paulo, preferindo manter o elo com Jerusalém através de Pedro. Aqueles que eram **de Cristo** desprezavam qualquer ligação com os outros, formando assim um partido isolado. As palavras que se seguem dão a entender que Paulo desaprovava este grupo (cons. ICC, pág. 12; II Co. 10:7).

13. As interrogações apelam para a unidade do corpo de Cristo e para a identificação dos crentes com ele. Barclay comenta sobre a expressão **em nome** de (lit., *dentro do nome*) assim: "Dar dinheiro dentro do nome de um homem era pagar algo para seu crédito, para sua posse pessoal. Vender um escravo dentro do nome de um homem era entregar este escravo à posse absoluta e indisputável dele. Quando um soldado jurava lealdade *dentro do nome* de César; ele pertencia absolutamente ao Imperador" (*op. cit.*, pág. 18).

14,16. Paulo dá **graças a Deus** pela providência que o levou a batizar tão poucos em Corinto. Está claro que aqui ele não pretende depreciar o batismo; ele apenas o coloca em seu devido lugar, como ato simbólico, que aponta o fato real da identificação com Cristo pela fé. Está claro também que Paulo batizava.

17. Porque. A razão que ele deu não enfatiza o batismo. Sua tarefa primária foi a de pregar as boas novas. Teria Paulo pronunciado estas palavras, se o batismo fosse necessário à salvação? (cons. 4:15; 9:1,22; 15:1, 2). Dificilmente. Sua incumbência também não envolvia embelezamento da verdade com palavras floreadas da retórica profissional (cons. ICC, pág. 15), esvaziando assim o Evangelho do seu conteúdo. A tradução *seja feita sem nenhum efeito* deixa muito a desejar. O verbo *kenoo* significa "esvaziar", isto é, despojar de sua substância. O

Evangelho não apela para o intelecto do homem, mas aos seus sentimentos de culpa do pecado. A cruz revestida de sabedoria de palavras corrompe este apelo. O Evangelho não deve nunca ser apresentado como um sistema de filosofia humana; deve ser pregado como salvação. **Sabedoria de palavra** (lit. *sabedoria de palavra*) marca a transição para a análise de Paulo da causa da dissensão em Corinto, este amor à falsa sabedoria.

B. As Causas das Divisões. 1:18 - 4:5.

Em primeiro lugar, eles não entenderam a natureza e o caráter da mensagem cristã, a verdadeira sabedoria (1:18 – 3:4). Em segundo lugar, seu espírito sectário indica que eles não tinham compreensão real do ministério cristão, sua participação com Deus na propagação da verdade (3:5 - 4:5).

1) Causa primeira: Falsa Interpretação da Mensagem. 1:18 – 3:4.

Primeiro, o apóstolo mostra que o Evangelho não é uma mensagem para o intelectual (1:18-25). Essa verdade foi amplamente demonstrada pelo fato de que a igreja em Corinto continha poucas pessoas sábias segundo o mundo (1:26-31), e que Paulo não pregara uma mensagem assim quando estivera em Corinto (2:1-5). Então, o apóstolo expõe a verdadeira sabedoria de Deus, destacando seu caráter espiritual (2:6-12), e seu alcance espiritual (2:13-16); e conclui com uma declaração franca, dizendo que a carnalidade é o motivo das divisões(3:1-4).

18. Porque (E.R.C.) introduz o motivo porque ele não veio em sabedoria do mundo. Para os que perecem, a cruz deve sempre parecer uma loucura. *Pregação* (lit. *palavra*) evidentemente faz contraste com **palavra** (v. 17, lit., *palavra*). Paulo considera a cruz como instrumento salvador de Deus. **Perdem** e **salvos** (tempos presentes, mais freqüentativos do que durativos) descrevem a corrente de perdidos caindo na eternidade sem Cristo, e o número menor, mas ainda

constante, da corrente dos salvos entrando pela porta da comunhão eterna com Cristo.

19,20. Pois está escrito. Um apelo às Escrituras para apoio. Boa prática paulina (cons. Is. 29:14; 19:12; 33:18). As palavras são uma denúncia divina da política dos "sábios" em Judá, que procuraram uma aliança com o Egito quando foram ameaçados por Senaqueribe.

21. Aprove é a mais do que uma declaração de boa-vontade; refere-se ao alegre propósito e plano divino (cons. Ef. 1:5). Pregação refere-se ao conteúdo da proclamação não ao método de livramento (cons. I Co. 2:4); ela é a *mensagem* (E.R.C., *pregação*) que salva, a mensagem destinada àqueles que simplesmente **crêem** (crentes).

22-25. Paradoxalmente Paulo proclama que os **chamados** (cons. v. 2) obtiveram o que os judeus, que buscavam sinais e os gregos, que amavam a sabedoria (v. 22), ou os gentios (v. 23; a E.R.C, diz *gregos* novamente, mas a confirmação é fraca) procuravam, o **poder de Deus, e sabedoria de Deus. Cristo crucificado** é o segredo. Judeus e gregos não reconhecem o seu pecado. O Cristo crucificado o expõe; portanto, Ele é o poder e a sabedoria de Deus. O uso da palavra **crucificado** sem o artigo, enfatiza fortemente o caráter no qual Paulo pregou Cristo, como **crucificado** (cons. 2:2; Gl. 3:1). Um Cristo sem uma cruz não salvaria.

26. Porque (E.R.C.) introduz o "*argumentum ad hominem* irrespondível" (ICC, pág. 24). "Pois olhem para suas próprias fileiras, meus irmãos", como traduziu Moffatt (MNT, pág. 19). Um lançar de olhos para a sua própria igreja comprovada o ponto defendido por Paulo, pois ali não eram **muitos** os **sábios** e os **poderosos. Vocação** continua enfatizando a iniciativa de Deus na salvação do homem. Na tradição paulina encaixara-se as formosas últimas palavras de John Allen do Exército da Salvação: "Eu mereço o inferno; eu devia estar no inferno; mas Deus interferiu!"

27,28. O triplo **Deus escolheu** continua com a ênfase.

29. O propósito da metodologia divina foi negativamente apresentada aqui e positivamente no último versículo do capítulo. Como

Bengel disse certa vez, "Não se glorie *dian*te dEle, mas *nEle*". Jonas estava absolutamente certo quando disse "Ao Senhor pertence a salvação" (Jn. 2:9; cons. Jr. 9:23, 24).

30. Mas introduz o bendito contraste. **DEle** e não da sabedoria eram os coríntios, **em Cristo Jesus**. Eis aí o único alicerce sólido para se gloriar. Devido à construção da sentença grega, está claro que sabedoria é a palavra dominante, e que as palavras **justiça, santificação e redenção** amplia o significado de sabedoria. A sabedoria, aqui, portanto, não é a sabedoria prática, mas a sabedoria posicional, o plano de Deus para nossa completa salvação. A **justiça** é argumentativa, a justiça que nos foi dada na justificação, ou aquela que Paulo expõe em Rm. 1:1 – 5:21. A **santificação** foi usada em seu sentido imediato e completo (cons. I Co. 1:2). A justiça capacita-nos a comparecermos diante de Deus no tribunal da justiça divina, enquanto a santificação equipa-nos a servi-Lo no templo do serviço divino. É o que Paulo esboça em Rm. 6:1 – 8:17. A **redenção**, à vista da ordem das palavras, é provavelmente a redenção final do corpo (cons. Rm. 8:23), aquela de que se ocupou o apóstolo em Rm. 8:18-39. 31. Para que. O alvo desta obra de Deus é o de glorificá-Lo na graça, um propósito que foi gloriosamente alcançado. Pois os que são sábios de conformidade com este mundo foram reduzidos a nada, e os chamados que creram, desfrutam agora de uma salvação soberanamente concedida suficiente para todas as exigências do tempo e da eternidade.

1 Coríntios 2

2:1-5. O tema continua, apresentando agora o escritor seu próprio testemunho entre os coríntios. Ele, também, não se baseava na sabedoria deste mundo, nem a sua mensagem (vs. 1, 2), método (vs. 3, 4) ou motivos (v. 5). **Eu** faz a ligação.

1,2. Testemunho (intrinsecamente preferível à *mistério*, tradução de muitos manuscritos antigos). Não há nenhuma indicação nesta passagem, nem em Atos 17, que Paulo pregasse a mensagem simples de Cristo **crucificado** por causa de algum sentimento de fracasso (como

alguns têm sugerido) em face do modo filosófico de tratar do assunto em Atenas. Na realidade, em Atenas, o método de Paulo não foi basicamente filosófico. O sermão de Paulo começou com a revelação bíblica da criação (cons. Atos 17:24) e terminou com a nota da Ressurreição (Atos 17:31). Moffat está certo ao dizer: "Em Atenas ele não pudera começar com qualquer crença na ressurreição, como podia fazê-lo numa sinagoga" (MNT, pág. 22; cons. N.B. Stonehouse, *Paul Before the Aeropagus and Other New Testament Studies*, pág. 25-27).

3,4. Em vez de persuasão humana, o método de Paulo envolvia **demonstração do Espírito e de poder**. A palavra **demonstração** refere-se à produção de provas em uma argumentação diante de um tribunal (MM, pág. 60, 61). A nova vida dos coríntios era prova conclusiva do poder de Deus neles (cons. I Ts. 1:5).

5. Para que introduz o motivo. A pregação simples de Paulo tinha o intuito de evitar que os coríntios se apegassem a uma fé que dependesse de lógica e argumentação filosófica, uma fé à mercê de outros argumentos dessa mesma natureza. "O que depende de um argumento inteligente, fica à mercê de outro argumento mais inteligente" (ICC, pág. 34). Uma fé, entretanto, que se baseia **no poder de Deus** tem fundamento sólido e duradouro.

2:6-12. A esta altura alguém pode deduzir, que Paulo não dava valor à sabedoria e que ele considerava a verdade cristã fora do reino do intelecto. O apóstolo explica isso mostrando que o Evangelho contém uma sabedoria, mas uma sabedoria espiritual. As palavras introdutórias, **Entretanto, expomos sabedoria** faz a ligação (*sofian*, "sabedoria", está em posição de ênfase no texto grego).

6. Experimentados, maduros nas coisas de Deus (cons. 14:20; Fp. 3:15), foi igualado por Paulo com **espiritual** (I Co. 2:15). A cláusula, **Entretanto, expomos sabedoria entre os experimentados**, pode ser uma declaração que resume a seção. A sabedoria seria o assunto dos versículos 6-12, o *falar*, ou ensiná-la, o assunto do versículo 13 (observe o "**falamos**"), e **os experimentados**, o assunto do restante da seção (F.

Godet, *Commentary on St. Paul's First Epistle to the Corinthians*, I, 135).

7-9. Um **mistério**. Não alguma coisa misteriosa, mas um segredo divino, uma verdade que não se pode descobrir sem a revelação divina.

10-12. No-lo (posição enfática no texto grego) contrasta os crentes com o mundo. A eles **Deus. . . revelou** sua sabedoria **pelo seu Espírito**, o qual foi dado **para que conheçamos o que por Deus nos foi dado gratuitamente**.

13. Paulo passa de maneira natural para o método de comunicação. Esta sabedoria, diz ele, **falamos . . .** (palavras) **ensinadas pelo Espírito Santo** – uma declaração enfática de que o conhecimento da verdade divina não pode ser atribuído ao intelecto e capacidade mental, em primeiro lugar. Paulo busca sua origem na posse do Espírito de Deus, o Professor perfeito e o Juiz perfeito da doutrina. As **palavras** têm sido usadas para sustentar os proponentes da inspiração verbal (a verdadeira doutrina). Mas aqui Paulo escreveu falamos e não *escrevemos*, referindo-se assim à apresentação oral. A cláusula final apresenta um problema de difícil interpretação. **Conferindo** pode estar certo, pois a palavra significa isto mesmo na única vez em que aparece em outro lugar do N.T. (II Co. 10:12). O contexto, entretanto, está decididamente contra o significado fora do comum da palavra. Ela pode também ter o sentido de "interpretando", ou "explicando" (cons. Gn. 40:8; Dn. 5:15-17, LXX). A tradução seria então, *explicando coisas espirituais a homens espirituais*. Ou teria o significado comum da palavra, "combinando", e poderia então traduzir para *combinando coisas espirituais com palavras espirituais* (preservando a referência que acabou de ser feita à palavras). Isto parece preferível, e Paulo, por isso, refere-se ao "aliar palavras e pensamentos relacionados" (Exp GT, II, 783). O apóstolo recebeu esta verdade de Deus e revestiu-a na linguagem dada pelo Espírito Santo. Sua reivindicação é que seus pronunciamentos eram dados por Deus e orientados pelo Espírito.

14. A percepção subjetiva desta verdade toma-se agora o tópico. **Ora** introduz o contraste com o **homem natural**, o que não é cristão (cons. Judas 19; Rm. 8:9). A palavra grega traduzida para **natural** significa "dominado pela alma", o princípio da vida física. Este homem dominado pela alma **não aceita** (lit, *aceitar bem*; cons. Atos 17:11; I Ts. 1:6) as verdades divinas, nem pode entendê-las, pois **se discernem espiritualmente** (pelo Espírito) (cons. I Co. 2:10, 11). Ouvidos humanos não percebem a alta freqüência das ondas do rádio; homens surdos não são capazes de servirem como juízes em concursos de música; homens cegos não podem desfrutar da beleza dos cenários, e os que não são salvos são incompetentes para julgarem as coisas espirituais, as verdades práticas mais importantes.

15,16. O homem **espiritual** tem a potencialidade de entender *tudo*. **Ele mesmo não é julgado por ninguém. Por ninguém** (que não seja espiritual), pois o que não é espiritual não tem o relacionamento necessário com o Espírito para julgar o espiritual. Isto explica porque tão freqüentemente os cristãos constituem verdadeiros enigmas para os que são do mundo, e às vezes enigmas para os cristãos currais. Muita controvérsia entre os cristãos pode remontar à origem deste princípio.

1 Coríntios 3

3:1-4. A aplicação passa a ser feita à condição dos coríntios, indicada pela mudança da primeira pessoa (2:6-15) para a segunda (3:1-4). **Eu, porém, irmãos, não vos pude falar** torna fácil a ligação.

1. Por causa da imaturidade deles, Paulo não pôde alimentá-los com carne em sua primeira visita. A palavra grega usada para *carnal* (de *sarkinos*) significa literalmente, *feito de carne*, sendo equivalente da expressão, *na carne* (A-S, pág. 402). Por trás de *sarkinos* está o pensamento de fraqueza (cons. Mt. 26: 41), conforme a palavra **crianças** confirma. Na primeira visita de Paulo, os coríntios eram fracos, pelo simples motivo de que eram recém-convertidos. O apóstolo não os acusa por causa dessa condição.

2,3. Uma séria acusação de incapacidade espiritual se encontra em **nem ainda agora podeis** (uma expressão muito forte em grego). O motivo disso é que ainda eram carnis. Uma importante troca de palavras deve ser observada. **Carnis** aqui não é *sarkinos*, mas *sarkikos* que significa, literalmente, *caracterizado pela carne*, sendo equivalente a **segundo a carne** (cons. Rm. 8:4). Por trás dela está a idéia de teimosia, e Paulo culpa os que se encontram nessa condição. Fraqueza prolongada se transforma em obstinação. A recusa em se aceitar o leite da Palavra, não dá lugar à recepção da carne da Palavra. **E dissensões.** (E.R.C.) *Divisões* (AV) não é uma tradução genuína, embora o pensamento esteja no contexto (I Co. 3:4).

Paulo descreveu quatro tipos de homens. O primeiro, *o homem natural*, é o homem sem o Espírito, que precisa do novo nascimento (cons. Jo. 3:1-8). O segundo é o *homem carnal e fraco* (I Co. 3:1), o menino em Cristo, que precisa crescer através da recepção do leite da Palavra. O terceiro tipo é *o homem carnal e obstinado*, mais velho, mas ainda imaturo, um cristão que precisa da restauração da comunhão, ou de uma condição sadia de recepção de alimento, pela confissão de sua teimosia, ou pecado (cons. I Jo. 1:9). O quarto é o *homem espiritual* ou *amadurecido*, que aceitou o leite e cresceu até chegar à maturidade espiritual, de modo que é forte e capaz de aceitar a torne da Palavra (I Co. 2:15; 3:2). Este é o homem que Deus quer que todo cristão seja. Que Paulo iguala o homem amadurecido com o homem espiritual está evidente na comparação de 2:6 com 2:15 (cons. 3:1; ele contrasta **as crianças** com os **espirituais**. Ele também declara que a sabedoria de Deus é para os **perfeitos** mas ele nunca usa o termo novamente na seção. Em vez disso, ele escreve do homem **espiritual** (2:15; 3:1), que tem capacidade ilimitada de **julgar todas as coisas**. A analogia da vida física com tudo isto é a melhor ilustração que possa haver.

2) Causa segunda: Má interpretação do Ministério. 3:5 – 4:5.

O segundo motivo para as divisões, a má interpretação do ministério de Cristo, passa agora a ser discutido. Ministros são simples servos; na verdade, é Deus que opera (13:5-9). Eles são responsáveis pelo material adequado na construção do templo de Deus, a Igreja (3:9-17). Ninguém deve se gloriar em algum desses homens, pois todos eles pertencem a cada crente (3:18-23) e só serão julgados por Deus.

5. Quem. Literalmente, *o que*. Isto chama a atenção para a função, desviando-a dos homens (Morris, *op. cit.*, pág. 64). Paulo e Apolo nada mais eram que **servos**, ministros de Deus.

6. Paulo plantou e Apolo regou, mas só Deus pode fazer a semente crescer.

8,9. No trabalho Paulo e Apolo eram um, isto é, estavam em harmonia. Entretanto, na questão do **galardão**, serão feitas distinções. De **Deus cooperadores** pode significar que eles eram companheiros de trabalho que pertenciam a Deus, ou companheiros de trabalho com Deus. O contexto favorece o primeiro.

10. Edifício de Deus (v. 9) leva a uma discussão de sua construção. Deve-se enfatizar que Paulo tinha em mente *construtores* e *obras*, e não *crentes* e *vida*; *serviço*, e não *salvação* é o tema. A **graça de Deus** é a capacitação divina concedida a Paulo, para o estabelecimento de igrejas. Deus poderia ter usado anjos, ou mesmo pecadores, mas usar o "principal" dos pecadores (cons. I Tm. 1:15) era uma maravilha sem fim para o amado apóstolo. **Pus eu** (tempo aoristo, enfatizando o acontecimento) aponta para a pregação inicial, enquanto **outro edifica** (tempo presente, indicando contínua construção) inclui a obra de Apolo (cons. I Co. 3:6).

11. É preciso ter cuidado, pois **Jesus Cristo** é o único fundamento (cons. Jo. 8:12; 10:9; 14:6; Atos 4:12).

12. Há três tipos de construtores - o homem sábio (vs. 12, 14), o que não é sábio (v. 15), e o tolo, que prejudica o edifício (v. 17). Três diferentes resultados se seguem. Mesmo entre os trabalhadores de Deus,

dois tipos de trabalhos podem ser feitos, um sólido e duradouro, e outro perecível e passageiro (o trabalhador tolo não pertence a Deus; v. 17).

13. A frase, **a obra de cada um**, aponta para a responsabilidade individual. O dia é o dia do tribunal de Cristo (cons. 4:5; II Co. 5:10), diante do qual só os crentes comparecerão. **Qual seja** indica que a base do julgamento é a qualidade do trabalho, não a quantidade, coisa confortadora para aqueles que têm poucos dons (cons. I Co. 4:2).

14. Paulo não explica a natureza da recompensa (cons. II Jo. 8).

15. **Sofrerá** prejuízo. Prejuízo ou recompensa, não perda de salvação. Não existem diferenças entre as *ovelhas* do Senhor; podem haver diferenças entre seus *servos* (cons. Lc. 19:17).

Mas eu mesmo (enfático) contrasta a pessoa com a sua obra e claramente sustenta a segurança do crente. **Pelo fogo** (E.R.C.). Melhor, **através do fogo**. O pensamento é de alguém correndo através de um incêndio, enquanto o edifício se desmorona (a preposição é local; cons. ICC, pág. 65).

16,17. O terceiro tipo de construtor, que prejudica o edifício, é o professo que não é cristão, que não é o proprietário (cons. Gl. 2:4; II Pe. 2:1-22). *Corromper* ou **destruir** são as traduções da mesma palavra grega, que é muito mais forte do que *sofrer dano* (I Co. 3:15). O **santuário** é a igreja local, mas certamente a igreja local sendo a manifestação local de um único e verdadeiro templo de Deus, a Igreja Invisível, composto de todos os crentes verdadeiros em Cristo.

18-23. Segue-se uma advertência àqueles que pensam que são sábios (vs. 18-20), e uma exortação a se gloriarem na posse de todas as coisas, incluindo Paulo, Apolo e Cefas (vs. 21-23). **Se tem por**. Ou, *pensa*. Todo crente pertence a Cristo, não a algum servo humano (repreensão aos seguidores de Paulo, Apolo e Cefas) e todos os crentes Lhe pertencem (repreensão ao partido de Cristo; cons. 1: 12). Paulo é o mestre por excelência!

1 Coríntios 4

4:1-5. A análise das causas da divisão chega a um final aqui. Os ministros de Deus são servos, cuja única responsabilidade é serem fiéis (vs. 1, 2). Seu julgamento pertence somente ao Senhor (vs. 3, 4). Portanto, todo julgamento deve aguardar a Sua vinda (v. 5). Não haverá nenhum tribunal preliminar!

1. Ministros (em grego, diferente da palavra em 3:5) dá a idéia de subordinação, a palavra originalmente se referindo a alguém que rema na fileira inferior de um trirreme (cons. Lc. 1:2). **Despenseiros** são administradores responsáveis por grandes propriedades; o pensamento é de privilégio orientado.

2. Fidelidade é a virtude necessária a todos os servos e despenseiros, especialmente nas coisas de Deus.

3. Paulo repudia o julgamento dos outros, como também o próprio. **Tribunal humano** (lit. *dia do homem*) pode estar retrocedendo a 3:13. Não significa nada a Paulo que o homem tenha o seu dia de julgamento hoje.

4. Porque explica suas razões. **De nada me argúi a consciência** (lit. *contra mim não há nada*) é uma declaração notável. Paulo experimentou comunhão ininterrupta (cons. 1:9); sua prática harmonizava-se com a sua posição. Ele não falhara no cargo de despenseiro.

5. Portanto (a conclusão), já que só o Senhor pode julgar, é preciso esperar que Ele venha. No **tempo** apropriado Ele o fará cabal e completamente, desmascarando **as coisas ocultas das trevas**. Esse tempo é a sua vinda (cons. 1:7). E – maravilha das maravilhas! – **cada um** (cada crente) **receberá o seu louvor da parte de Deus**.

C. A Aplicação e Conclusão. 4:6-21.

Agora Paulo apresenta um grupo de perguntas iradas para demonstrar o orgulho dos crentes coríntios (vs. 6-13), e depois conclui com uma nota de delicadeza, fazendo-os lembrar o relacionamento que

há entre eles (vs. 14-21). Ele era o pai deles, e por isso eles, os filhos, deviam segui-lo. Caso contrário tecla de usar a vara quando os visitasse (v. 21).

6. Apliquei-as figuradamente é a tradução de um verbo que significa "mudar a aparência externa", a coisa permanecendo a mesma (cons. Frederick Field, *Notes on the Translation of the New Testament*, pág. 169). *Eu adaptei* seria boa tradução. As (*estas coisas*) refere-se a 3:5 – 4:5, não a 1:10 – 4:5. Paulo e Apolo foram simples ilustrações da situação dos coríntios. O escritor omite om nomes dos verdadeiros acusados para evitar ressentimentos. **Não ultrapasseis o que está escrito** é uma boa tradução; ou, *viver de acordo com as Escrituras*. O apóstolo desejava que andassem pela Palavra (cons. R.A. Ward, "Salute to Translators", *Interpretation*, 8:310, July, 1914; C.F.D. Moule, *An Idiom Book of New Testament Greek*, pág. 64. Um glossário marginal é a sua solução).

7. Pois explica a inutilidade do orgulho. Os pronomes estão no singular; Paulo dirige-se ao indivíduo. Agostinho viu a verdade da graça de Deus através da segunda pergunta deste versículo. "**Já** (MNT, pág. 48) volta-se para o **antes de tempo** (v. 5). A era messiânica, que começará depois do tribunal de Cristo, já começara para os coríntios, escreveu Paulo, reprovando-os. "Alcançaram um milênio particular só deles" (ICC, pág. 84). O versículo fornece algumas provas para o conceito paulino do Reino.

9. Os apóstolos, em agudo contraste, estavam longe de entrarem no Reino. Na verdade, estavam destinados a morrer, Como Criminosos condenados, ou prisioneiros, que lutavam com feras e raramente sobreviviam até o fim nos festivais e exposições dos pagãos. Ou, talvez Paulo tivesse em mente a entrada triunfal de um general romano, ao final da qual vinham os soldados capturados, que eram levados à arena para lutarem com feras (Cons. 15:32; II Co. 2:14-17). Na arena do mundo dos homens e anjos, os apóstolos condenados eram um **espetáculo** (a palavra *teatro* em português deriva da palavra grega, fazendo um quadro vívido).

10-13. Uma série de contrastes cáusticos entre os apóstolos e os Coríntios, destinados a admoestar os crentes. A nova dispensação ainda não chegara para os apóstolos.

14. Filhos meus amados introduz a terna solicitude de um pai pelos filhos espirituais.

15. Porque. Paulo explica por que ele pode exortá-los como um pai. **Preceptores** (instrutores) eram os escravos guardiões dos romanos, responsáveis pela supervisão geral das crianças, até que atingissem a maioridade e pudessem vestir a *toga virilis* (cons. Gl. 3:24). Era como se o apóstolo dissesse que os coríntios tinham muitos supervisores em sua vida espiritual, mas só um que lhes dera a vida. **Gerei** introduz uma terceira figura em seu relacionamento com eles (cons. I Co. 3:6, "plantei", e 3:10, "pus o fundamento"). Ele não lhes transmitira a vida com bons conselhos, mas por meio das boas novas, **pelo evangelho**.

16. Paulo era o raro pregador que podia dizer, **sejais meus imitadores** (lit.). A maioria dos homens deveria dizer: "Façam o que eu digo, não o que eu faço" (cons. Barclay, *op. cit.*, pág. 46).

17-20. Timóteo devia lembrá-los. Dr. Johnson observou que mais gente precisa ser lembrada do que instruída (MNT, pág. 51). Isto não é bem verdade, mas há uma grande carência do ministério da lembrança. **O reino de Deus** (cons, v. 8). O reino dos coríntios era um reino **em palavra, não em poder**.

21. Um desafio conclui. Eles escolherão a **vara** da disciplina, ou o **amor e espírito de mansidão** produzidos pela restauração da comunhão? A resposta depende deles. A vara introduz a nota da disciplina, predominante na próxima seção da carta.

III. As Desordens na Igreja. 5:1 - 6:20.

1 Coríntios 5

A. A Ausência de Disciplina. 5:1-13.

Diz-se frequentemente que a única Bíblia que o mundo lerá é a vida diária do cristão, e do que o mundo precisa é uma versão revisada! Os próximos dois capítulos foram escritos por Paulo com a intenção de produzir uma versão revista coríntia, de modo que a ortodoxia pudesse ser seguida pela "ortoprática" (cons. Roy L. Laurin, *Life Matures*, pág. 103, 104). O capítulo 5 trata de um conhecido caso de incesto na igreja. Os crentes, em vez de lamentar o fato, estavam complacientemente permitindo que o caso permanecesse sem julgamento, talvez até mesmo se orgulhando de sua liberdade (vs. 1, 2; cons. 6:12). Paulo expressa sua posição no assunto (5:3-5), insiste com a igreja a exercer disciplina (vs. 6-8), e conclui com um esclarecimento das instruções da carta anterior (vs. 9-13). **Ensoberbecidos** (v. 2) indica uma leve ligação com o precedente (cons. 4:6, 18, 19), mas a verdadeira ligação é com os seguintes (com. v. 1; 6:9, 13-20). Ambos os capítulos tratam de desordens. A falta de um conectivo em 5:1 o confirma, e dá também às palavras de introdução uma força explosiva nos ouvidos dos serenos coríntios, calmamente descansando "à vontade em Sião".

1. Geralmente. Seria melhor, *na verdade* (cons. Arndt, pág. 568). A fornicação era incesto, proibido pela Lei (Lv, 18:8; Dt. 22:22). **Há** (tempo presente) sugere algum tipo de união permanente (cons. Mt. 14:4). O destaque dado ao homem pode indicar que a mulher, sua madrasta, não era cristã. O pai talvez estivesse morto ou fosse divorciado. *Menciona.* Omitido em vista de fracas confirmações textuais. O pecado era proibido pela lei romana.

2. Ensoberbecidos pela falsa liberdade, os crentes estavam "inchados". Uma igreja não pode prevenir o mal de modo absoluto, mas deve sempre praticar a disciplina. **Não chegastes a lamentar, para que fosse tirado** refere-se à censura eclesiástica ou a exclusão.

3,4. Paulo já julgara o assunto em espírito. Suas palavras davam a orientação quanto a atitude própria a ser tomada.

5. A substância do seu julgamento aqui. **Entregue a Satanás** é de difícil interpretação (cons. I Tm. 1:20). Provavelmente se refere ao

entregar o homem ao mundo como se pertencesse a Satanás (cons. I Jo. 5:19). **Para destruição da carne** tem sido aceito no sentido moral da anulação dos apetites carnis. **Destruição** é forte demais para esse ponto de vista, embora, é claro, a disciplina tem de ser curativa. Provavelmente é melhor ver aqui a idéia de um castigo corporal, ao qual o pecado persistente conduz, de acordo com m ensinamentos do N.T., não apenas nem carta (cons. I Co. 11:30), mas também outros lugares (cons. I Jo. 5:16, 17). O propósito da ação foi apresentada na cláusula seguinte.

6. O princípio que apóia a necessidade de disciplina é este. "Nunca diga, desculpando-se, que afinal de contas este caso é único. Um só, mas poderá contaminar **a massa toda** (xv. 33)" (MNT. pág. 57). O pecado sempre se alastra e contamina se não abandonado, exatamente como o veneno, as ervas daninhas e o câncer.

7. Pois (E.R.C.). Uma atitude decisiva torna-se necessária. **Como sois de fato sem fermento** expressa a posição dos crentes, à qual a condição deles deve corresponder. Sua purificação deve se manifestar na vida limpa. **Pois** explica. Os antecedentes das observações do apóstolo são as Festas da Páscoa e dos Pães Asmos. A Páscoa (cons. Êx. 12:1-28) prefigurava o Cristo na qualidade do Cordeiro de Deus, que tiraria o pecado do mundo através do seu sacrifício no Gólgota (cons. Jo. 1:29). A Festa dos Pães Asmos (cons. Êx, 12: 15-20; 13:1-10), durante a qual os israelitas não deviam ter fermento em suas casas (o fermento referindo-se tipicamente ao pecado, é claro), prosseguia durante a semana que se seguia à morte do cordeiro. Esta festa prefigurava a vida de santidade que devia seguir-se à morte do cordeiro e conseqüente alimentação dos que participavam, sendo os sete dias um círculo de tempo completo. A Páscoa, então, é típica e ilustrativa da obra de Cristo que morreu pelos seus. Isto aconteceu, escreveu Paulo, **foi imolado por nós** (tempo aoristo, encarando o acontecimento como uma coisa feita de uma vez por todas). A Festa dos Pães Asmos é uma ilustração da vida de santidade do crente, uma coisa contínua, e assim Paulo escreve, por isso celebremos a festa (v. 8; tempo presente, ação duradoura). E exatamente como uma

migalha de fermento na casa do israelita significa julgamento (cons. Êx. 12:15), assim o pecado na vida do crente significa julgamento. Eis aí a necessidade da disciplina.

8. A conclusão (**por isso**) da exortação de Paulo encontra-sé aqui. A pureza e a retidão devem caracterizar o crente, não a perversidade do homem e da igreja nesta questão do incesto. Essas virtudes divinas deviam ser o alimento da festa cristã.

9. Agora o apóstolo esclarece instruções dadas em uma carta anterior (veja Introdução), uma carta atualmente perdida.

10,11. Um cristão deve ter um certo contato com o mundo; caso contrário teria de **sair do mundo**, uma impossibilidade manifesta (pelo menos até o advento da era espacial!). A chave para compreensão da ordem do versículo 9 é o verbo *associar-se* (vs. 9, 11), que significa literalmente misturar-se com (cons. Arndt, pág. 792). A idéia é da comunhão em família. O apóstolo sabia que uma certa comunhão com o mundo devia existir nas atividades diárias da vida. Entretanto, ao irmão sob disciplina era preciso negar comunhão, e particularmente os crentes não deviam **com esse tal nem ainda comer**, a mais evidente demonstração de comunhão.

12. Pois explica que Paulo, na carta perdida, não se referia ao mundo, mas aos irmãos, quando falava da negação da verdade. Ele não se preocupava com aqueles *que estão de fora*; estavam em território divino (cons. A.R. Gausset, em JFB V, 297). Os coríntios, entretanto, tinham obrigação de julgar os que estão dentro.

13. O **pois** deveria ser omitido, o qual dá à sentença final da excomunhão, uma enfática força sumária (cons. Dt. 24:7).

1 Coríntios 6

B. Os Processos Diante dos Tribunais Pagãos. 6:1-11.

A discussão das desordens continua. Embora não haja partícula conectiva em 6:1, a idéia do juízo liga claramente os dois capítulos. A competência judicial da igreja para resolver casos entre os seus membros

está visível em ambos. Godet o expôs muito bem: "Além de vocês não julgarem aqueles que vocês tem obrigação de julgar,(os que estão dentro); mas, pior ainda, vocês procuram ser julgados por aqueles que estão em situação inferior (*os que estão de fora*)!" (*op. cit.*, 1, 284). A questão dos processos foi introduzida (v. 1) e então solucionada (vs. 2-11). A solução apresenta a tripla ocorrência do **não sabeis?** (Gr., *ouk oidate*, vs. 2, 3, 9).

1. Aventura-se algum de vós (muito enfático no texto grego). Que audácia dos **santos** (justificados; embora os gregos fossem dados aos litígios) comparecerem diante dos injustos para buscar justiça! (cons. v. 11).

2. O primeiro ponto da refutação é o fato conhecido que **os santos não de julgar o mundo**, por causa de sua união com o Messias, a quem todo o julgamento está entregue (cons. Jo. 5:22; Mt. 19:28).

3. O segundo ponto é o fato conhecido que **havemos de julgar os próprios anjos. Quanto mais as coisas desta vida.** (cons. Jo. 5:22; Judas 6; II Pe. 2:4, 9).

4. Entretanto introduz uma inferência, um tanto anuviada por um problema de tradução. **Constituíis um tribunal** (estabelecer por juiz) pode ser entendido como imperativo ou como indicativo. Se for indicativo, também pode ser declarativo ou interrogativo. Provavelmente o indicativo, com força interrogativa, deve ser o preferido, ficando o sentido assim, **constituís um tribunal** (estabeleceis por juízes) **daqueles que não têm nenhuma aceitação na igreja!** Uma sugestão muito irônica de que não havia nenhum homem sábio entre os "sábios" coríntios!

7,8. Sugere-se uma atitude melhor. **Derrota**, indica que recorrer à lei contra um irmão, já constitui uma perda da causa em si mesmo.

9. O terceiro ponto defendido por Paulo é um apelo aos "princípios mais amplos" (ICC, pág. 117). Os não justificados, ou injustos, não estão qualificados para julgar; só os crentes, os justos, podem julgar. A negativa foi apresentada primeiro (vs. 9,10), seguida pela afirmação positiva (v. 11). A ênfase colocada sobre reino de Deus repousa sobre a

palavra Deus; os injustos não têm lugar no seu reino. A lista de pecados que se segue prova que Paulo e Tiago concordam basicamente. Ambos afirmam que a fé genuína produz boas obras (cons. Ef. 2:8-10), e que a ausência das boas obras indica falta de fé (cons. Tg. 2:14-26). A prevalecente frouxidão moral dos gregos e romanos pode ter incentivado o apóstolo a enfatizar aqui o vício contra a natureza. Por exemplo, Sócrates, além de quatorze dos quinze primeiros imperadores romanos, era homossexual (cons. Barclay, *op. cit.*, pág. 60).

11. O apelo positivo está aqui. **Tais fostes alguns de vós** aponta para as profundezas das quais a graça de Deus em Cristo os resgatou. **Mas vós vos lavastes.** Literalmente, *vocês se deixaram lavar* (uma voz média permissiva), ou *vocês se lavaram* (voz média direta, acentuando o lado ativo da fé; cons. Atos 22:16; Gl. 5:24). Os termos **lavastes**, **santificados** e **justificados** refletem a nova posição dos coríntios. A menção da santificação antes da justificação não constitui problema, uma vez que Paulo tem em mente a verdade posicional (veja I Co. 1:2, 30). Os verbos referem-se à mesma coisa com ênfases diferentes, uma destacando a purificação do crente; a outra, a nova vocação; e a terceira a nova posição do crente. **Justificados** vem em último lugar, como o devido clímax para a argumentação sobre a busca da justiça diante dos injustos (vs. 1-8).

C. A Frouxidão Moral na Igreja. 6:12-20.

Paulo volta sua atenção para a frouxidão moral que poluía a igreja, ao que parece causada pela aplicação da verdade da liberdade cristã ao reino sexual. A pergunta é: Se não há restrições quanto à alimentação, um dos apetites do corpo, por que deveria haver nas questões sexuais, outro desejo físico? A resposta de Paulo, a qual ele começa com o princípio da liberdade e o aplica especialmente à fornicção, novamente apresenta a tripla ocorrência do não sabeis quê? (vs. 15, 16, 19).

12. O princípio da liberdade está declarado, com duas limitações: 1) prudência (cons. 10:23); 2) autocontrole. **Lícitas** e **dominar** que têm a

mesma raiz, formam um jogo proposital de palavras: "Todas as coisas estão em meu poder, mas eu não serei colocado sob o poder de nenhuma delas". A indulgência em um hábito que se apossa de alguém, não é liberdade, mas escravidão.

13. Enquanto os alimentos são para o estômago, e o estômago para os alimentos (um necessário ao outro), este relacionamento não é verdadeiro quanto ao corpo e a fornicação. O corpo foi criado com a intenção de glorificar o Senhor, e o Senhor é necessário ao corpo para que isto aconteça. Paulo usa a palavra **corpo** aqui num sentido mais amplo do que simplesmente o tabernáculo físico. É quase equivalente à personalidade do homem, quase como a expressão, *alguém*, ou todos (cons. MNT, pág. 68, 69, 71-73; Morris, *op. cit.*, pág. 100; Moule, *op. cit.*, pág. 196,197). No versículo 19 parece que ele iguala corpo com vós. Isto, é claro, não é costume de Paulo (II Co. 12:3).

14. Mais outra diferença entre o corpo e o ventre, e o corpo e a fornicação, está no fato de que o corpo se destina à ressurreição, enquanto o ventre para ser reduzido a nada (v. 13). A permanência do corpo tem mais do que significado teórico. Por exemplo, o que dizer da prática da cremação?

15. Por causa da união do crente com Cristo (cons, 12:12.27), a fornicação rouba do Senhor aquilo que é dEle. **Tomaria.** Seria melhor, *levaria*.

16. A segunda razão está expressa aqui. **Ou não sabeis** é a melhor tradução. Além do Senhor ser roubado, uma nova união se faz (cons. v. 15; Gn. 2:24). A prova prática disso é que uma nova personalidade pode resultar da união.

17. Um espírito com ele. Uma das expressões mais fortes sobre a união e segurança da Palavra de Deus. Como um autor já o expôs, "As ovelhas podem se afastar do pastor, o ramo pode ser cortado da videira; o membro pode ser separado do corpo . . . , mas quando dois espíritos se unem em um só, quem os separará?" (Arthur T. Pierson, *Knowing the Scriptures*, pág, 146).

18. Fugi (tempo presente para ação habitual). Ordem positiva. Moras sugere: "Habitue-se a fugir" (*op. cit.*, pág. 102). Alguém já disse: "Ainda que muitas vezes se declare que a segurança está em Números, às vezes há mais segurança no Êxodo!" A experiência de José é um exemplo (cons. Gn. 39:1-12). As frases finais, **fora do corpo e contra o próprio corpo**, são difíceis de serem interpretadas. Talvez o significado seja que os outros pecados, tais como o vício de beber, têm seus efeitos sobre o corpo, mas a fornicação é um pecado que se realiza *dentro* do corpo e envolve uma monstruosa negação da união com Cristo através da união com uma prostituta.

19. A razão final está no fato de que **o corpo é o santuário do Espírito Santo. Vosso corpo**. Uma expressão "distributiva", isto é, o corpo de cada um de vocês (com. Charles J. Ellicott, *Paul's First Epistle to the Corinthians*, pág. 107). O corpo do crente, individualmente, é o templo do Espírito (cons. 3:16). Que coisa incongruente é ouvir os crentes orarem, pela vinda do Espírito!

20. Porque introduz a razão pela qual os crentes não pertencem a si mesmos. O Espírito ocupa aquilo que Deus obteve através da compra. Demonstra-se o direito de posse, comprando-se e ocupando-se. Deus fez as duas coisas; por isso os cristãos já não são *de si mesmos, mas pertencem a Deus* (cons. Jo. 13:1). **Comprados** (tempo aoristo) refere-se ao Gólgota, onde o preço foi pago. A figura representa a sagrada manumissão, pela qual um escravo, pagando o preço de sua liberdade no tesouro do templo, passava a ser considerado, daquele momento em diante, como escravo do deus e não mais escravo de seu senhor terreno. **Glorificai a Deus**, a conclusão lógica, é tanto negativa quanto positiva. Negativamente, um crente deveria eliminar as coisas que corrompem, tais como a fornicação e positivamente ele deveria exibir Aquele que veio habitar nele. O preço terrível do sangue sem preço (cons. I Pe. 1:18, 19) exigia nada menos do que isso. **E no vosso espírito, os quais pertencem a Deus** (E.R.C.) tem pouco apoio documentário.

IV. As Dificuldades dentro da Igreja. 7:1- 15:58.**1 Coríntios 7****A. Conselhos Referentes ao Casamento. 7:1-40.**

Tendo discutido as coisas que vieram ao seu conhecimento (cons. 1:11; 5:1), o apóstolo volta-se agora para assuntos que surgiram na correspondência (cons. 7:1. *peri de*; veja Introdução). Os problemas relacionados com o casamento são os primeiros a serem examinados. O capítulo, depois de um prólogo que trata dos princípios gerais (vs. 1-7), contém a discussão de problemas dos casados (vs. 8-24) e dos solteiros (vs. 25-40).

1) O Prólogo. 7:1-7.

O apóstolo apresenta o princípio geral de que, enquanto o celibato é uma questão de preferência pessoal (vs. 6,7), o casamento no entanto é uma obrigação para aqueles que não têm o dom da continência (vs. 1,2), fornecendo o verdadeiro casamento a devida provisão para a satisfação sexual de cada parceiro (vs. 3-5).

1. Quanto ao que me escrevestes. O equivalente à nossa fórmula moderna, *Quanto à sua carta*. É impossível que Paulo tenha sido solicitado a aprovar o celibato como dever de todos. Ele aceita que o estado é bom.

2. O casamento, entretanto, é o dever daqueles para os quais a sociedade pervertida e os hábitos daquele tempo pudessem se tornar irresistíveis. Isto não é uma depreciação do casamento; é uma maneira honesta de encarar os fatos a fim de evitar a **impureza**. Literalmente, *fornicações*, o plural se referindo talvez aos muitos casos em Corinto (cons. 6:12-20).

3-5. O verdadeiro casamento, entretanto, é uma sociedade, uma união de duas pessoas que se tornam "uma só" (v. 6:16), envolvendo obrigações mútuas e direitos conjugais.

6,7. As palavras precedentes foram ditas *por concessão*, (permissão E.R.C.) não por **mandamento**. O casamento é uma **concessão**, não uma *obrigação*. A orientação do Senhor, o **dom** de Deus, é a coisa mais importante (com. Mt. 19:10-12).

2) Os Problemas relacionados com o Casamento. 7:8-38. O escritor considera, agora, os problemas específicos envolvendo os casados e os solteiros.

8,9. Paulo dirigiu-se primeiro àqueles que eram solteiros quando ele escreveu, mas que já tinham experiência sexual. **Os solteiros**, provavelmente, viúvos, em oposição às viúvas. Homens solteiros e virgens são aconselhados em outra passagem (vs. 1, 2, 25, 28-38). **Permanecessem** (tempo aoristo) é a decisão final para uma vida inteira.

10, 11. As seguintes palavras de Paulo relacionam-se com a manutenção ou interrupção dos laços do casamento, no caso de crentes casados (vs. 10, 11) e de um crente com um descrente (vs. 12-16). Para os crentes a regra é "não se separem", sustentada pelo ponto de vista do Senhor, **não eu mas o Senhor** (cons. Mc. 10:1-12). No caso de uma separação desaprovada, Paulo destaca duas possibilidades. A esposa **que não se case**, tempo presente, enfatizando o estado permanente. Ou então, **que se reconcilie com seu marido**, tempo aoristo, enfatizando um acontecimento de uma vez por todas, em separações subseqüentes.

12. Mas o que dizer das uniões onde um dos interessados tornou-se cristão? A lei judia exigia que o incrédulo fosse abandonado (cons. Esdras 9:1 – 10:44). Novamente, a regra é "não se separem" (I Co. 7:12, 13).

14. Porque. A primeira razão é que o parceiro incrédulo e os filhos de tal união são **santos** (santificados). Isto não significa que uma criança que nascer em um lar onde apenas um dos pais é cristão, nasce "na família de Cristo" (cons. Barclay, *op. cit.*, pág. 71). Paulo simplesmente quer dizer que o princípio do V.T. da comunicação da imundícia não está em vigor (cons. Ageu 2:11-13). A união é legal e confere privilégios aos membros (cons. ICC, pág. 142), privilégios tais como a proteção de Deus

e a oportunidade de estar em íntimo contato com a família de Deus. Isto facilita o caminho para a conversão do incrédulo.

15. Uma segunda razão para a preservação da união encontra-se no fato de que Deus *chamou-nos para a paz*. Uma situação curiosamente ambígua, entretanto, existe. Alguns intérpretes acham que Paulo aqui incentiva o crente a consentir na separação no interesse da preservação da paz, se o incrédulo deseja separar-se. De outro modo poderia haver guerra! Por outro lado, a idéia de Paulo pode ser que a separação deveria ser evitada se possível, uma vez que isso acabaria com a paz da união. O princípio geral do contexto (vs. 10, 11) favorece o segundo ponto de vista, como também o versículo seguinte. Nada se diz sobre um segundo casamento para o crente; de nada adianta colocar palavras na boca de Paulo quando ele silencia. É verdade que o verbo "apartar-se" na voz média (como neste versículo) era quase um termo técnico para o divórcio nos papiros (MM, pág. 695, 696). Isto, entretanto, nada realmente prova aqui.

16. Pois. O terceiro motivo para não haver separação é que a salvação do outro membro pode ser alcançada através da preservação da união. Outros entendem que a declaração significa que é melhor concordar com a separação, uma vez que ninguém sabe se o outro parceiro se converterá ou não. O contexto geral favorece o primeiro ponto de vista. Mas não é fácil determinar o que Paulo quis dizer.

17-24. Agora o apóstolo resume, indicando que este princípio de permanecer no estado em que se encontra, é simplesmente parte de um princípio geral, que atinge todas as esferas da vida. A regra para tudo é permanecer como está quando chamado, a não ser que a profissão seja imoral. Três vezes Paulo declara o princípio (vs. 17, 20, 24), entremeando as declarações de princípios com duas ilustrações, uma religiosa (cons. Rm. 2:28, 29) e a outra secular. A expressão **diante de Deus**, que conclui a seção, enfatiza o fato de que a presença de Deus torna qualquer trabalho secular, um trabalho com Deus. Num certo sentido, então, cada cristão está ocupado em "trabalho cristão de tempo

integral". À luz dos ensinamentos de Paulo aqui, não se deve também uma coisa duvidosa forçar os jovens a entrarem para o serviço de tempo integral na qualidade de missionários, pastores, etc.? A coisa realmente importante para cada crente é estar dentro da vontade de Deus.

25. Ora, quanto (E.R.C.) (*peri de*) indica aos leitores que uma resposta, a outra parte da carta da igreja é o que se segue. No restante do capítulo Paulo trata de três grupos: 1) os jovens solteiros (vs. 25-35); 2) os pais (vs. 36-38); 3) as viúvas (vs. 39-40). A seção está demarcada por duas declarações referentes à autoridade do autor (vs. 25, 40). O ponto comentado no parágrafo é o seguinte: O celibato é desejável, mas não exigido.

26-28. Ser bom para o homem permanecer assim como está. Antes, *é bom que uma pessoa fique como está.* O primeiro motivo para alguém permanecer solteiro está **por causa da instante necessidade**, uma frase que provavelmente se refere à pressão exercida sobre a vida cristã pelo mundo hostil (cons. v. 28; II Tm. 3:12). Se a vida cristã já é difícil em si mesma, por que impor mais um encargo a alguém através do casamento?

29-31. Uma segunda razão foi sugerida pela declaração, **o tempo se abrevia** (lit. *o tempo se encurta*). O apóstolo se refere ao tempo precedendo à vinda do Senhor (cons. Rm. 13:11). Toda a vida tem de ser vivida à luz desse grande fato. Então **a aparência deste mundo** passará e um novo e glorioso dia despontará.

32-35. Uma terceira razão se encontra nestes versículos. Está expressa negativamente nas palavras **eu quero é que estejais livres de preocupações** (v.32), e positivamente nas palavras **facilite o consagrar-vos desimpedidamente ao Senhor** (v. 35). Um problema textual está profundamente envolvido nas palavras que ligam os versículos 33 e 34. Poderia se encontrar a solução modificando as palavras, **e assim está dividido** (v. 34), para "Separadas por uma semelhante divisão de interesses estão a mulher casada e a solteira" (ICC, pág. 150, 151). O ponto que o apóstolo quer elucidar está claro: O casamento é uma coisa

perturbadora. Isto ele declara explicitamente no versículo 35. As palavras **facilite o consagrar-vos, desimpedidamente, ao Senhor** faz lembrar a narrativa de Lucas sobre o incidente da visita do Senhor à casa de Maria e Marta em Betânia. Há também diversas conexões verbais no texto grego entre a narrativa de Lucas e as palavras de Paulo (com. Lc. 10:38-42). É como se Paulo estivesse tacitamente dizendo que o casamento transforma Marias em Martas, impedindo assim que façam a escolha da "boa parte" - ocupar-se com o Senhor e a Sua Palavra.

36-38. Aqui os pais estão na pauta. A passagem deve ser compreendida à luz dos costumes daquele tempo. O pai tinha o controle dos arranjos para o casamento de sua filha. **Trata sem decoro** refere-se à procrastinação do casamento quando há evidência da falta do dom da continência. É duvidoso que Paulo aqui tenha em mente "casamentos espirituais" nos quais as pessoas passavam por uma forma de casamento e continuavam, no entanto, a viverem juntas como irmão e irmã (cons. Barclay, *op. cit.*, pág. 74, 75; MNT, pág. 98-100).

O que está firme, isto é, não acha que esteja fazendo o que é impróprio. **E assim que** introduz o sumário, que na realidade é um sumário de todo o capítulo. Um **faz bem**; outro **faz melhor**. O celibato não é um estado mais santo que o do casamento; o celibato simplesmente é mais útil no serviço do Senhor. Mas mesmo no casamento, todas as coisas, até onde for possível, devem ficar sujeitos aos interesses dEle. A expressão **dá em casamento** (v. 38 E.R.C.) sempre tem este sentido no N.T. (cons. Mt. 22:30; 24:38); nunca quer dizer simplesmente casar-se, o que parece decidir que a interpretação dada é a verdadeira.

3) O "Postscript". 7:39-40.

A viúva está **livre para casar com quem quiser, mas somente no Senhor**, isto é, com cristão. Isto parece indicar claramente que Paulo jamais aprovou o casamento misto (casamentos entre crentes e incrédulos), uma verdade que tem uma larga aplicação hoje em dia. Paulo retoma novamente ao lado prático, todavia, quando escreve **será**

mais feliz se permanecer viúva (cons. v. 8). As palavras de conclusão parecem indicar que Paulo considerava estas suas palavras divinamente aprovadas (o **também** parece apontar para alguém em Corinto que reivindicava a aprovação do Espírito para suas atividades contrárias às Escrituras); e o fato de terem sido preservadas no Livro Sagrado confirma tal ponto de vista.

1 Coríntios 8

B. O Conselho Relativo às Coisas Sacrificadas aos Ídolos. 8:1 – 11:1.

O *peri de* (E.R.C., **Ora, no tocante**) indica que aqui começa um novo assunto. **Carnes sacrificadas a ídolos** eram as sobras dos animais sacrificados aos deuses pagãos. Quer um animal fosse oferecido como sacrifício particular ou público, partes da carne sobravam para o ofertante. Se fosse um sacrifício particular, a carne podia ser usada para um banquete, ao qual eram convidados amigos do ofertante. Se o sacrifício fosse público, a carne que sobrava, depois que os magistrados retiravam a sua parte, podia ser vendida aos mercados para revenda ao povo da cidade. Os problemas, pois, eram estes: 1) Podia um cristão participar da carne que fora oferecido a um falso deus em uma festa pagã? 2) Podia um cristão comprar e comer carne oferecida aos ídolos? 3) Podia um cristão, quando convidado á casa de um amigo, comer carne, que fora oferecida aos ídolos?

1) Os Princípios. 8:1-13.

Primeiro Paulo apresenta princípios generalizados para orientação do crente nesses problemas delicados.

1. Reconhecemos que todos somos senhores do saber pode ser uma citação da carta deles. Os cristãos possuem conhecimento, mas é apenas superficial e incompleto (cons. vs. 2,7). **Saber**, além disso, não é suficiente para a solução de todos os problemas, pois por si mesmo **ensoberbece**.

2. Não aprendeu ainda refere-se ao verdadeiro conhecimento de Deus. Enquanto aqui nesta terra, o conhecimento que o homem tem de Deus está sempre incompleto (cons. 13:12). 3. Ama a Deus produz os dois, conhecimento de Deus e um senso de que Deus conhece também o indivíduo. Por exemplo, em um palácio todos conhecem o rei, mas nem todos são conhecidos pelo rei. O segundo estágio indica intimidade pessoal e conseqüentemente conhecimento de primeira mão (cons. Godet, *op. cit.*, 1, 410; Gl. 4:9).

4. O ídolo de si mesmo nada é no mundo provavelmente devia ser *não existem ídolos no mundo*. Um ídolo não pode realmente ser uma representação de Deus. Como poderia madeira ou pedra representar a incorruptibilidade de Deus?

5. O apóstolo admite, entretanto, que existem aqueles **que se chamam deuses**.

6. Todavia para nós indica um forte contraste. **De quem são todas as coisas** refere-se à primeira criação; o Pai é a fonte de tudo (cons. Gn. 1:1). **E nós também por ele** (lit.) refere-se ao Pai como o alvo da nova criação, à Igreja. A função da Igreja é glorificá-lo. **Pelo qual são todas as coisas** aponta para o Senhor Jesus Cristo como agente de Deus na criação (cons. Jo. 1:3). **E nós também por ele** apresenta-o como o agente responsável pela nova criação (cons. Cl. 1:15-18).

7. Daqui até o final do capítulo Paulo explica as palavras, **O amor edifica** (v. 1). Isto é necessário, pois *nem em todos* existe o conhecimento do único Deus e único Senhor que capacita as pessoas a comerem a carne dos ídolos sem prejuízo. **Por efeito da familiaridade até agora com o ídolo.** *Com consciência do ídolo* tem fraca confirmação. A tradução preferível seria *por estar há muito tempo acostumado aos ídolos*.

8. Paulo faz ver que a carne em si mesma não aproxima os crentes de Deus. **Recomendará.** O sentido é aproxima. "É o coração puro e não o alimento puro, que importa; e o irmão fraco confunde os dois" (ICC, pág. 170).

9. Nos poucos versículos seguintes Paulo adverte os fortes a tomar cuidado para que a sua **liberdade** (lit., *autoridade*, o exercício do seu direito) não constitua uma pedra de tropeço para **os fracos**. Em outras palavras, conhecimento não resolve o problema (cons. vs. 1-3).

10. Induzida (lit. *edificada*) é ironia. Bela edificação; conduz ao pecado!

11. E (lit. *porque*) introduz o motivo porque o crente forte se torna uma pedra de tropeço. A sentença devia terminar com ponto final, não com ponto de interrogação. A última cláusula tem um grande encanto. Se Cristo amou o irmão a ponto de morrer por ele, então o crente forte deve amá-lo a ponto de desistir do seu direito de comer certas carnes. **Parece** refere-se à perdição física. O irmão fraco, violando persistentemente sua consciência comendo alguma coisa que ele acha que não deveria comer, peca e torna-se exposto ao pecado mortal (cons. 5:5; 11:30; I Jo. 5:16,17). O tempo é o presente; o processo do perecimento prolonga-se enquanto ele persiste em comer.

12. A pior das conseqüências deste assunto é que os crentes fortes pecam *contra Cristo* quando pecam contra os irmãos. O argumento baseia-se na unidade do corpo de Cristo (cons. 12:12, 13, 26).

13. Por isso introduz a conclusão de Paulo. O *amor*, não a *luz* (conhecimento), resolve o problema. Nas questões morais, sobre as quais a Palavra tem falado, a Palavra é suprema. Nas questões moralmente insignificantes, como por exemplo o comer de carne oferecida aos ídolos, a liberdade deve ser regulada pelo amor. Diversas coisas precisam ser conservadas em mente, entretanto. Em primeiro lugar, a passagem não se refere aos legalistas desejosos de imporem seus escrúpulos tacanhos sobre os outros. Esses não são irmãos fracos, mas irmãos teimosos que desejam se gloriar na sujeição de outros aos seus caprichos (cons. Gl. 6:11-13). Isto é tirania, e o Cristianismo deve sempre estar em guarda contra isso. Em segundo lugar, deve-se notar neste versículo que a decisão de seguir o caminho do amor compete a Paulo, não ao irmão fraco. O forte deve se submeter ao apelo do amor

voluntariamente, não porque o fraco o exija (os legalistas sempre exigem sujeição às suas leis). Finalmente, é significativo que Paulo, ao tratar da fornicção e da carne sacrificada aos ídolos, não apelo para o pronunciamento do Concílio de Jerusalém (cons. Atos 15:19,20). Em vez disso, ele apela aos conceitos espirituais mais sublimes, os quais os gregos sabiam apreciar.

1 Coríntios 9

2) A Ilustração dos Princípios. 9:1-27.

Paulo não se afasta aqui do assunto em pauta. Antes, ele exemplifica os princípios que acabou de apresentar, recorrendo a sua própria experiência. Na qualidade de apóstolo que também possuía liberdade cristã, ele poderia reclamar sustento financeiro daqueles aos quais pregava (vs. 1-14). Na realidade, entretanto, ele se recusava exercer seus direitos para merecer uma recompensa (vs. 15-23). Tal decisão exigia disciplina pessoal e implicava em provações (vs. 24-27). Os coríntios, é claro, deviam aplicar a lição da abnegação e disciplina ao problema da carne sacrificada aos ídolos.

1. Não sou eu, porventura livre? Nos principais manuscritos esta pergunta precede a outra referente ao apostolado. Nessa ordem há também uma peculiaridade, pois passar dos direitos de cristão aos direitos de apóstolo fornece um clima adequado para a abertura desta seção. **Não vi a Jesus, nosso Senhor?** A base da sua qualificação ao apostolado (cons. Atos 1:21, 22). **Acaso não sois fruto do meu trabalho no Senhor?** Palavras que têm a intenção de enfatizar a genuinidade do trabalho de Paulo entre os coríntios.

2,3. Os coríntios eram o selo do seu apostolado. Isto é, eles eram a garantia do fruto espiritual no seu trabalho entre eles, ou, em outras palavras, a prova de que Deus realmente lhe dera "o crescimento" (cons. 3:5-7). **Os que me interpelam.** Aqueles que duvidavam da posição e ofício apostólico de Paulo. Esta volta-se para os versículos 1-3, não para os seguintes (vs. 4-14).

4. Tendo resolvido a questão do apostolado, o apóstolo prossegue discutindo a autoridade ou direitos ao sustento, os quais derivam do seu ofício. Compare 8:9, onde a "liberdade" é a mesma palavra usada aqui para **direito** (*poder*). **Comer e beber** não se refere às carnes sacrificadas aos ídolos, mas ao alimento comum.

5,6. Cinco motivos para o direito de sustento podem ser distinguidas. O primeiro, mencionado aqui, pode ser chamado de exemplo dos outros. **Os irmãos do Senhor**, que antes não criam nEle, eram agora missionários (cons. Jo. 7:5; Mt. 13:55). A menção da *esposa* de **Cefas** é interessante. Se Pedro foi o primeiro papa (ele *não* foi, está claro), não há dúvidas de que foi um papa casado! (cons. Mt. 8:14). O direito de Paulo incluía o sustento de sua família.

7. O segundo, o princípio do direito comum, foi apresentado através das bem conhecidas ilustrações – o soldado, o agricultor e o pastor.

8-10. O terceiro motivo, o ensino das Escrituras, vai ser introduzido agora (cons. Dt. 25:4). Paulo declara que o V.T. ensina o direito do sustento para aqueles que pregam a **Palavra**. O uso que ele faz das Escrituras aqui tem sido muitas vezes impugnado. Tem-se dito que ele demonstrou desdém pelo sentido literal do V.T. (cons. MNT, pág. 116, 117). Não é verdade. Tudo o que Paulo declara é que a passagem em Deuteronômio tem um significado mais profundo do que o sentido literal. Ambos os sentidos, o literal e o alegórico (ambos são sentidos *espirituais*), encontram-se neste passagem.

Acaso é de bois que Deus se preocupa? O sentido literal da pergunta não deve ser forçado. A construção grega é tal que a resposta "não" é a que se espera. Paulo quer dizer que o cuidado de Deus não se destina primariamente aos animais, mas aos homens. Entretanto, o cuidado divino pelos animais foi afirmado em muitas passagens do V.T. (cons. Sl. 104:14, 21, 27; Mt. 6:26). O argumento de Lutero foi más ousado do que o de Paulo. Ele disse que a passagem de Deuteronômio foi escrita inteiramente para o nosso bem, uma vez que os bois não

sabem ler! O sentido da palavra *certamente* aqui, provavelmente tem o significado de *sem dúvida* (ICC, pág. 184).

11-13. O direito do santo ministério, o quarto motivo, está exposto aqui e o argumento torna-se mais valioso por causa da preponderância do espiritual sobre o material. *Coisas carnis* (E.R.C.) são as coisas referentes ao corpo, tendo a palavra carnal aqui um sentido neutro. **Desse direito** é o privilégio do mestre de participar das coisas materiais dos crentes. Ao que parece alguns mestres tinham exercido este direito sobre os coríntios. Mas Paulo triunfantemente se ufana de não ter usado desse poder. Se ele tivesse aceito a ajuda financeira tecla imposto *algum obstáculo ao evangelho de Cristo*, pois haveria aqueles que teriam pensado que ele pregava só por causa disso. **Do próprio templo se alimentam** faz alusão aos direitos dos sacerdotes da antiga aliança (cons. Nm. 18:8-24).

14. A ordem do Senhor, o quinto motivo, conclui o argumento sobre o sustento que a igreja deve dar ao obreiro (cons. Mt. 10:10; Lc. 10:7).

15. O apóstolo mostra agora como o amor agiu neste caso, ainda que ele tivesse todo o direito de receber sustento dos coríntios. Assina ele contrasta seu sacrifício pessoal com o egoísmo daqueles que estavam usando a sua liberdade, na questão das carnes em detrimento dos outros. **Porém** chama a atenção para o contraste, e a mudança para a primeira pessoa destaca a ilustração pessoal, a ilustração do conhecimento regulado pelo amor.

16. Os leitores são conduzidos ao propósito da pregação de Paulo sem pagamento – isto é, ele desejava alcançar uma recompensa. **Pois sobre mim pesa essa obrigação** refere-se à vocação na Estrada de Damasco, uma chamada que ele não podia deixar de atender.

17. Se o faço de livre vontade introduz uma suposição que jamais poderia ser verdadeira em se tratando de Paulo. Assim, neste caso não haveria nenhuma recompensa pela pregação, pois ele pregava por necessidade. A pista para o argumento de Paulo se encontra na

expressão, **a responsabilidade de despenseiro que me está confiada** (a do evangelho). **A responsabilidade de despenseiro** (E.R.C., *dispensação*) era um trabalho confiado a alguém que tivesse um dono. O mordomo, portanto, pertencia à classe dos escravos (cons. Lc. 12:42, 43). E um escravo não recebia recompensa; ele tinha de trabalhar (cons. Lc. 17:10). Paulo, portanto, tinha de introduzir a idéia da purgação sem pagamento. Como Moffatt o expõe: "Seu pagamento era fazê-lo sem pagamento" (*op. cit.*, pág. 121). Era assim que o apóstolo ganhava a sua recompensa. Assim, a *luz* é regulada pelo *amor*.

18. Proponha de graça o evangelho era o seu alvo e a sua recompensa. Isto, é claro, não é um princípio que deve ser aplicado a todos os pregadores do Evangelho. É a escolha voluntária de alguém que, embora tendo direito ao sustento, sentia-se competido a proclamar a verdade através de uma visão sobrenatural do Salvador ressuscitado.

19. Agora Paulo acrescenta outros motivos pelos quais, por amor aos outros, ele recusava exercer seus direitos. **Sendo livre de todos** refere-se a sua falta de dependência dos outros sob todos os aspectos (cons. v. 1).

20. O princípio que Paulo esposou foi mobilidade de métodos, não de moral. Depois das palavras **para os que vivem sob o regime da lei**, o texto grego acrescenta, **embora não esteja eu debaixo da lei**, uma declaração notável que enfatiza quão completamente Paulo se desprendera da Lei de Moisés. É difícil encontrar uma declaração mais forte deste fato em qualquer outro lugar de seus escritos.

21. Aos sem lei, refere-se aos gentios. **Não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo** foi acrescentado para evitar uma má interpretação. Enquanto Paulo não se encontrava debaixo da lei, ele não se transformara em alguém fora da lei, ou sem lei. A lei do amor a Cristo é a mais forte motivação para a justiça do que o medo dos juízos do Sinai. Aqueles que, embora não estando sob a Lei Mosaica, andam pelo Espírito de Deus com amor ao Senhor Jesus Cristo, cumprirão as justas exigências da Lei (cons. Rm. 8:3; Gl. 5:16-23).

22. Fracos. São os super-escrupulosos mencionados em 8:7 e 9-12 Paulo não se afasta muito do assunto geral das carnes sacrificadas aos ídolos. **Fiz-me tudo para com todos** expressa o seu princípio. (O verbo aqui está no tempo perfeito, não no aoristo como no versículo 20, expressando o resultado permanente de sua ação passada). Não é o fim justificando os meios, mas a adaptabilidade por amor dentro da Palavra. **Salvar** é mais forte do que **ganhar** (v. 19). **Com o fim de** (que eu possa) **salvar alguns** não remove a salvação das mãos de Deus; simplesmente enfatiza a cooperação humana do servo de Deus no ministério da verdade.

23. Por causa do evangelho não significa para o progresso do Evangelho, mas por causa da sua preciosidade na opinião do apóstolo.

24. A decisão de Paulo exigia disciplina pessoal. Quando um homem se recusa a disciplinar-se, exercendo sempre a sua liberdade em detrimento dos fracos, além de injuriar os fracos, também prejudica-se a si mesmo. Essa é a responsabilidade dos versículos restantes (vs. 24-27). Os antecedentes da seção são o grande espetáculo atlético, os Jogos Ístmicos, que se realizavam perto de Corinto cada dois anos. **O prêmio** indica que o apóstolo tinha em mente o serviço e as recompensas, não a salvação e a vida (cons. v. 17, "prêmio"; Fp. 3:11-14).

25. Depois da ilustração no versículo 24, segue-se a aplicação, contendo ambas, uma comparação e um contraste. **Em tudo se domina.** *Pratica o autodomínio* (MNT, pág. 125). O que Paulo quer mostrar é que os atletas que esperam vencer precisam de treino diligente – uma verdade bem ilustrada pela diligência dos atletas modernos, quer nas coradas, no futebol ou qualquer outro esporte. **Uma coroa corruptível** mostra o contraste. Os atletas disciplinam-se para ganhar um prêmio insignificante (nos jogos ístmicos era uma coroa de pinheiro). Quanto mais deveriam fazer os cristãos para alcançarem uma coroa **incorruptível** (cons. II Tm. 4:8; I Pe. 5:4; Ap. 2:10; 3:11).

26,27. Segue-se a conclusão de Paulo introduzida por **assim**. Paulo corda, mas não **sem meta**; sabia para onde ia (cons. Fp. 3:14). Ele não

era como o menininho que estava aprendendo a andar de bicicleta e gritou cheio de si para sua irmã: "Estou saindo do lugar. Estou realmente saindo do lugar". A irmã, observando finalmente seu progresso cambaleante replicou: "É, você está saindo do lugar, mas não está indo a lugar nenhum!"

Como desferindo golpes no ar é uma metáfora sobre o pugilismo. A declaração não se refere ao treino, um exercício necessário e legítimo para o lutador; refere-se às falhas durante a luta. Paulo era um lutador certo, sempre acertando o alvo.

Subjugo o meu corpo (E.R.C.) é a tradução do texto de alguns manuscritos fracos. A tradução mais autêntica seria **esmurro**, ou *espanco*. A idéia, é claro, é o da disciplina pessoal. Andar com Deus exige sacrifício pessoal, sacrifício de coisas não necessariamente más, mas que prejudicam a devoção total da alma a Deus - tais como os prazeres e interesses mundanos. Numa época de luxo, como a presente, as palavras têm verdadeiro significado para o servo de Cristo compenetrado.

Tendo pregado a outros. Uma referência ao costume de convocar os competidores à corrida por meio de um arauto (*keryx*, palavra derivada da mesma raiz da palavra *pregar*). Paulo convocara muitos à corrida da vida cristã através da pregação do Evangelho. Ele não queria ficar **desqualificado** depois disso. A palavra não se refere à perda da salvação. Significa literalmente **desqualificado**. Está claro que o apóstolo estava preocupado em não ser rejeitado pelo juiz quando fosse concedido o prêmio. Ele não tinha receio que o arauto barrasse sua participação na corrida. Todos podiam correr, mas nem todos recebiam o prêmio. Paulo queria alcançar o prêmio.

3) A Admoestação e a Aplicação feita aos Coríntios. 10:1 - 11:1.

Paulo conclui seu discurso sobre a carne oferecida aos ídolos com uma admoestação (vs. 1-13) e a respectiva aplicação (10:14 – 11:1). Na aplicação ele trata da participação nas festas religiosas pagãs (vs. 14-22)

com o comer da carne vendida nos mercados (vs. 23-26) e com o comer da carne na intimidade de um lar (10:27 – 11:1).

1 Coríntios 10

1. Ora. O texto grego diz *porque*. O escritor acabou de enfatizar a necessidade da disciplina pessoal e a possibilidade do fracasso no setor das recompensas para os que não se disciplinaram. Para provar a realidade dessa possibilidade, ele usa a nação de Israel como ilustração de fracasso, e com essa ilustração ele admoesta os coríntios a "tomarem cuidado" para também não fracassarem. Israel foi **desqualificado** (9:27).

Mas, antes, Paulo tem de enumerar as vantagens dos judeus. **Todos**, repetido cinco vezes (E.R.C.), enfatiza a universalidade da bênção divina em Israel, e, quando examinada à luz do fato que quase todos (excetuando-se Calebe e Josué) pereceram, esta seção se liga muito intimamente a 9:24. Ali Paulo disse: "Não sabeis vós que os que correm no estádio, *todos*, na verdade, correm, mas *um* só leva o prêmio?" **Estiveram todos sob a nuvem** aponta para uma orientação sobrenatural e prolongada (cons. Êx. 13:21, 22; 14:19; Mt. 28:20). **Passaram pelo mar** aponta para um livramento sobrenatural, o segundo privilégio (cons. Êx. 14:15-22; I Pe. 1:18-20).

2. Tendo sido todos balizados ... com respeito a Moisés, o terceiro privilégio, refere-se à sua união com o seu líder, que abaixo de Deus fornecia-lhes a liderança sobrenatural (cons. Êx. 14:31; Rm. 6:1-10).

3. Comeram de um só manjar espiritual. O comer do maná, "alimento de anjos" (Sl. 78:25), foi o quarto privilégio da nação. O povo participou de alimento sobrenatural (cons. Êx. 16:1-36; I Pe. 2:1-3). **Espiritual** provavelmente tem o sentido de *sobrenatural* (cons. ICC, pág. 200).

4. Beberam da mesma fonte espiritual, um quinto privilégio, Refere-se aos acontecimentos mencionados em Êx. 17:1-9 e Nm. 20: 1-13 (cons. Nm. 21:16). As palavras **de uma pedra espiritual que os seguia** não significa que Paulo cresse na lenda rabínica de que uma

rocha material seguiu os israelitas através de sua viagem e que Miriã, acima de todos os outros, possuía o segredo de obter água (cons. Godet, *op. cit.*, II, 56). Na verdade, o apóstolo diz, e a pedra era Cristo, isto é, era o meio visível de fornecer água, a qual em última análise vinha de Cristo. Uma vez que o povo de Israel obteve água nos primeiros anos de sua peregrinação no deserto (Êx. 17:1-9) e nos últimos (Nm. 20:1-13), torna-se natural subentender que Ele, Cristo, o Supridor da água, esteve com eles durante todo o caminho. O sentido literal de **e a pedra era Cristo** não precisa ser mais forçado do que o sentido literal de "Eu sou a videira verdadeira" (Jo. 15:1). O era em lugar de é, pode, todavia, apontar para a preexistência de Cristo (cons. II Co. 8:9; Gl. 4:4). Sustento sobrenatural foi o quinto privilégio de Israel. O paralelo com as duas ordenanças da Igreja pode ser a intenção do escritor.

5. Pode-se pensar que tais privilégios significam sucesso. **Entretanto**, é a palavra que introduz o triste contraste. Pessoas privilegiadas podem experimentar o desagrado divino. **Da maioria deles** é uma atenuante da verdade; só Calebe e Josué sobreviveram ao desagrado. **Prostrados** poderia ser traduzido para *espalhados*, um quadro vivo de um deserto coberto de corpos saciados com alimento e bebida de anjos (cons. Nm. 14:29).

6. Em figura (E.R.C.). Provavelmente a tradução mais correta da palavra grega *typoi* fosse como exemplo; não como tipos no sentido técnico (MNT, pág. 131). A primeira razão do fracasso de Israel foi porque eles **cobiçaram** (cons. Nm. 11:4), preferindo o alimento do mundo, o Egito, em lugar do Senhor, o maná.

7. Eles também se tornaram **idólatras**, a segunda razão do fracasso (cons. Êx. 32:1-14, 30:35; I Jo. 5:21).

8. A terceira razão, **imoralidade**, é uma referência ao incidente envolvendo Israel e as mulheres moabitas (cons. Nm. 25:1-9). A imoralidade é sempre a conseqüência natural da idolatria (cons. Sl. 115:8). **Vinte e três mil** não é um engano, embora Moisés escrevesse o número 24.000. Deve-se notar o **num só dia** de Paulo. Ele se refere

àqueles que foram mortos pela praga em um só dia, enquanto Moisés dá o número daqueles que morreram mais tarde devido os efeitos.

9. Presunção, a quarta razão, foi mencionada com as palavras **não ponhamos o Senhor à prova** (cons. Nm. 11:4-9; Sl. 78:19); eles se atreveram a duvidar que Deus cumprisse a Sua promessa de discipliná-los se duvidassem da Sua Palavra. Foi o pecado da "suspeita ingrata" (MNT, pág. 132).

10. Murmureis apresenta a quinta razão (cons. Nm. 16:41-50), e esta pode ser uma gentil alusão paulina à atitude dos coríntios para com os seus próprios líderes espirituais na questão da carne sacrificada aos ídolos (os outros quatro motivos podem ser ligados a este problema).

11. Enquanto os acontecimentos foram **como exemplos**, as narrativas dos acontecimentos. foram escritas **para advertência nossa. Os fins dos séculos** (lit.) refere-se ao término das dispensações antes da presente. Os crentes desta dispensação devem colher os benefícios das precedentes (cons. ICC, pág. 207).

12,13. Duas palavras finais concluem a seção admonitória, uma para os seguros de si, os fortes que não pensam na consciência dos fracos (v. 12), e outra para os desanimados, que sentem que a vida cristã é difícil demais para que tentem sobreviver às suas provações (v. 13).

Pensa estar em pé. Escrito para o homem forte que usa a sua liberdade às expensas do fraco (8:9-13). **Caia.** Não se refere à salvação, mas à disciplina de Deus, ficando assim reprovado (9:27). **Humana** é aquela a que o homem está sujeito (*humana*, também na Vulgata). Deus não trata os crentes como anjos, ou como demônios, mas como homens (vs. 1-11). **Mas.** Melhor seria *e*; o encorajamento continua. **Além das nossas forças.** Não acima do que você pensa poder! **O livramento.** Literalmente a saída, adequada e necessária. Isto não é escape da tentação, nem simplesmente uma esperança de força para vencer no futuro, mas um poder anual para suportar a tentação (cons. Hb. 2:18), uma gloriosa promessa para os que estão sendo duramente provados.

14. Portanto. *Dioper*, uma conjunção forte, usada no N.T. apenas aqui e em 8:13. Ela introduz a aplicação aos leitores. Festas religiosas pagas foram examinadas em primeiro lugar (10:14-22). **Fugi da idolatria.** Este mandamento deve surpreender aqueles que se orgulham de sua liberdade, mas Paulo ordena que usem imediatamente da fuga.

16. Participar de uma mesa religiosa, quer cristã (vs. 16,17), judia (v. 18) ou pagã (vs. 19-21), envolve a comunhão com o ser ao qual a adoração está sendo dirigida. Portanto, um cristão não deve participar da carne oferecida aos ídolos em uma festa pagã; aí não se trata de liberdade. **A comunhão** (lit. *comunhão*, sem o artigo no texto grego). Participar é tomar parte, de acordo com Paulo.

17. O apóstolo explica por que (**Porque... porque**) o participar significa ter uma parte, ou união com a divindade.

18. O exemplo de Israel confirma a comunhão dos adoradores com a divindade.

19-21. O exemplo dos festivais gentios se seguem. **Sacrificam a demônios** não significa que afinal de contas o ídolo é uma divindade. Antes, o escritor quis dizer que, enquanto os ídolos e as coisas que lhes são sacrificadas nada são, são contudo usadas por poderes demoníacos para afastarem os homens do verdadeiro Deus (cons. Dt. 32:17, 21).

22. Pretendiam os coríntios *provocar zelos no Senhor* (Cristo aqui, Jeová em Deuterônômio), desafiando o seu ciúme como fizeram os pais? Podem eles despertar a Sua ira impunemente? (MNT, pág. 136, 137).

23. Agora ele passa a examinar a questão da carne vendida nos açougues. Paulo repete o princípio geral da liberdade (cons. 6:12), sujeitando-a ao princípio do benefício (conveniência) e edificação.

24. Este é o esforço que edifica.

25,26. Dá-se aqui permissão de comer qualquer carne vendida no mercado (*açougue*). Não se deve perturbar a consciência perguntando a respeito da carne.

27. Finalmente, o apóstolo considera o caso de jantares particulares em casa de amigos incrédulos. Os crentes podem *comer de tudo, sem nada perguntar, por motivo de consciência.*

28. Porém se algum "convidado puritano" (MNT, pág. 144) cutucar o crente com o cotovelo dizendo: **Isto é coisa sacrificada a ídolo**, então o crente não deve comer, **por causa daquele que vos advertiu.** Em outras palavras, o crente deve voluntariamente respeitar a consciência mais fraca. A citação do Sl. 24:1 não se encontra nos melhores manuscritos.

29,30. Por que. Paulo explica a atitude. Que bem resultaria em se comer se a liberdade do indivíduo for acusada? Como se poderia dar graças por aquilo que ofende a um irmão?

31. Portanto introduz o princípio que resume todo o discurso. **A glória de Deus** é o alvo principal.

32. O bem dos outros vem a seguir, quer sejam judeus, gentios ou a igreja de Deus (cons. Rm. 14:21). Três grupos separados foram considerados.

33. Agradável não significa bajular, mas fazer aquilo que é para o **interesse** dos homens (mesmo radical de **convêm**, v. 23). Nosso Senhor também "não agradou a si mesmo" (Rm. 15:3). Com isto ele climaticamente conclui a discussão. A atitude correta na questão, então, é a liberdade, a liberdade do amor ao Senhor, à verdade e ao irmão. Nem a legalidade, nem a permissividade servem; liberdade condicionada é o princípio que se deve seguir.

1 Coríntios 11

11:1. Paulo conclui com o seu próprio exemplo e do Senhor.

C. O Conselho Referente ao Uso do Véu pelas Mulheres nos Cultos Públicos. 11:2-16.

Nos capítulos 11 a 14 Paulo volta-se para discutir assuntos que se relacionam especialmente com o culto público da igreja. A parte dos

dons espirituais (12:1 - 14:40) foi escrita em resposta a uma pergunta da igreja (com s.12:1, *peri de*). O capítulo que dá início ao assunto é o resultado de um relatório pessoal (11:18). A primeira questão a ser discutida é o véu, ou cobertura, da cabeça das mulheres, e Paulo orienta que cubram as cabeças durante a reunião. Ele considerava a inovação dos coríntios (ao que parece algumas estavam presentes às reuniões com as cabeças descobertas) como "irreligiosa mais do que indecorosa" (MNT, pág. 150), mostrando assim que suas objeções nada tinham a ver com os costumes sociais. (Alguns comentadores apelaram para o costume social a fim de se livrarem da decisão de Paulo.) Aqui só está em exame o culto. O apóstolo apresenta diversos motivos para defesa do seu ponto de vista.

1) O Motivo Teológico. 11:2-6.

Em primeiro lugar Paulo faz ver que, na ordem divina, a mulher está sob o homem. Isto, naturalmente, não implica em desigualdade de sexos (cons. Gl. 3:28; Ef. 1:3). Subordinação nem sempre envolve desigualdade. A posição de cabeça não é o mesmo que a posição de Senhor. A pista para a posição dos sexos se encontra nas últimas palavras de I Co. 11:3. O homem é a cabeça da mulher como o Pai é a cabeça do Filho. Há quatro ordens na Palavra – pessoal, familiar, eclesiástica e governamental. É preciso distinguir cuidadosamente a verdade relacionada com cada uma delas.

2. Eu vos louvo. Uma palavra generalizada de louvor, que prepara o caminho para a consideração dos fracassos particulares. **Tradições** (E.R.C., preceitos). Ensinamentos orais.

3. O homem (é) o cabeça da mulher. A base teológica para o uso de uma cobertura. A supremacia do homem remonta a Gn. 3:16.

4. O homem, também, tem uma ordem a seguir; sua própria cabeça não deve ser coberta. Os homens não devem pingar com seu chapéu na cabeça!

5. Ora ou profetiza não significa que Paulo aprovasse essas atividades exercidas pelas mulheres no culto público. Antes, ele estava simplesmente se referindo ao que acontecia em Corinto desautorizadamente (cons. 14:34, 35). Sua própria cabeça. A cabeça física da mulher, não o seu marido.

6. Rape o cabelo. Uma desgraça para uma mulher. Uma ironia de Paulo para os rebeldes. Ele diz: "Torne a desonra completa, então".

2) Razões Bíblicas. 11:7-12.

Os fatos da criação (vs. 7-9, 12, 13) e a presença de anjos no culto (v. 10) são trazidos à baila.

7. Ele (é) (provavelmente, *representa*, como no v. 25) **imagem e glória de Deus.** Isto remonta a Gn. 1:26, 27. O macho revela a autoridade de Deus sobre a terra (cons. MNT, pág. 151).

8,9. As duas preposições *da* e *por* revelam o lugar da mulher. Ela tem sua origem e propósito de vida no homem (cons. Gn. 2:21-25). Toda mulher que, na cerimônia do casamento, aceita um novo nome, está tacitamente afirmando o ensinamento paulino.

10. Autoridade, ou poderio, significa, por uma metonímia fora do comum, sinal de autoridade. O véu é o sinal da autoridade do homem. A palavra anjos na expressão **por causa dos anjos** não se refere aos anciãos (cons. Ap. 2:1. A mesma palavra refere-se a anjos em I Co. 4:9). Também não se refere aos anjos do mal (cons. Gn. 6:1-4). Refere-se aos anjos bons que estão presentes nos cultos de adoração, uma vez que vivem na presença de Deus (cons. I Co. 4:9; Lc. 15:7, 10; Ef. 3:10; I Tm. 5:21; Sl. 138:1). A insubordinação das mulheres na recusa de reconhecerem a autoridade dos seus maridos ofenderia os anjos que, sob a orientação de Deus, guardam o universo criado (cons. Cl. 1:16; Ef. 1:21), e não conhecem a insubordinação.

11,12. Aqui Paulo apresenta o outro lado da verdade. O homem e a mulher são necessários, um para o outro, **no Senhor**; na verdade, o

homem deve sempre se lembrar que ele existe porque **provém da mulher**. E ambos de **Deus**.

3) A Razão Física. 11:13-16.

A impropriedade, baseada na própria natureza, é o argumento em prol da cobertura. A palavra *decente* (E.R.C.) refere-se a uma necessidade baseada na propriedade íntima das coisas (cons. Hb. 2:10; Mt. 3:15). Seria melhor traduzida para **próprio**.

14,15. O cabelo curto para os homens e o cabelo longo para as mulheres é uma sugestão divina dentro da **natureza** que o homem e a mulher devem obedecer na sua maneira de vestir dentro da assembléia. As palavras **o cabelo lhe foi dado em lugar de mantilha** não significa que o cabelo da mulher é o seu véu e que ela não precisa de outro, um ponto de vista forçado e vicioso de 11:2-14. A expressão, **em lugar de** deveria ser traduzido para *correspondendo ao* (cons. Ellicott, *op. cit.*, pág. 208).

16. Não temos tal costume, isto é, o costume das mulheres adorarem sem o véu. Alguns dizem que o costume era peculiar a Corinto, mas as palavras de Paulo, **nem as igrejas de Deus**, argumentam contra esse ponto de vista. Há ainda aqueles que insistem que o costume não deve ser aplicado hoje em dia (cons. Morris, *op. cit.*, pág. 156; Barclay, *op. cit.*, pág. 110).

Deve-se notar, entretanto, que cada uma das razões apresentadas para o uso do véu foram extraídas de fatos permanentes, que devem durar durante toda a presente economia terrena (cons. Gode, *op. cit.*, II, 133). Paulo impôs seu ponto de vista, pois a história da igreja primitiva comprova que em Roma, Antioquia e África, esse costume tomou-se a norma. Palavra final: Na análise final, o chapéu, ou o véu, não é a coisa importante, mas a subordinação que eles representam. A presença de ambos seria o ideal.

D. Conselho Referente à Ceia do Senhor. 11:17-34.

A Ceia do Senhor, o único ato de adoração para o qual Cristo deu orientação especial, recebe agora a atenção de Paulo. Está relacionado com a seção anterior pelo fato de que ambos os assuntos se referem ao culto público. Ajudará reconstruir a situação se soubermos que na igreja primitiva a Ceia era geralmente precedida por uma refeição fraternal chamada *Ágape*, ou Festa do Amor (cons. Judas 12). Desordens ocorridas no *Ágape* despertaram a indignação do apóstolo (vs. 17-22), uma revisão de ensinamentos anteriores (vs. 23-26), e uma severa aplicação da verdade à assembléia coríntia (vs. 27-34).

1) A Indignação de Paulo. 11:17-22.

A refeição fraternal era primariamente religiosa, não social, mas abusos a transformaram em uma farsa infeliz.

17. Nisto, refere-se às instruções que se seguem. Suas reuniões eram para pior, porque estavam incorrendo a julgamento como resultado das desordens (cons, v. 29).

18. Divisões. Antes, *partidos*. Existiam ao que parece por causa dos ricos que, contrariando o costume, consumiam egoisticamente suas provisões mais fartas, antes que chegassem todos os pobres, para que não precisassem partilhar seu alimento, em visível representação da unidade do corpo.

19. Heresias (E.R.C.). Partidos, grupos com opiniões próprias, é a ênfase e o significado da palavra. Eles existiam, Paulo observa um tanto resignadamente, para que os aprovados (cf. 9:27; 11:28) pudessem ser reconhecidos.

20. Era uma ceia, mas não **a ceia do Senhor** (o adjetivo é enfático); isto é, não era verdadeiramente uma imitação da última Ceia.

21,22. A indignante pergunta, **Não tendes, porventura, casas onde comer e beber?** foi dirigida àqueles que consideravam os ajuntamentos como simples banquetes sociais e não como refeições de comunhão espiritual.

2) Revisão de Instruções Anteriores. 11: 23-26.

O apóstolo justifica sua reprimenda recapitulando o significado real e verdadeiro da ordenança, remontando ao ensinamento do próprio Senhor.

23. Paulo não podia elogiá-los **porque** a conduta deles discordava daquela recebida **do Senhor**. Ele não esclarece se recebeu suas instruções diretamente do Senhor ou através de outra fonte. A última eventualidade é mais provável.

24. As palavras *tomai, comei* (E.R.C.) e a palavra *partido* (E.R.C.), não aparecem nos melhores manuscritos. O pão é distribuído primeiro, uma vez que representa a encarnação. Depois segue-se o vinho, representando a morte e o final da velha aliança e o estabelecimento da nova. Uma coisa é certa: nas palavras, **isto é o meu corpo**, Paulo não está ensinando a transubstanciação. O pão certamente não era o corpo do Senhor no momento em que ele o disse, nem o cálice é o novo testamento literalmente (v. 25). A palavra **é** tem o sentido comum de "representa" (cons. v. 7; Jo. 8:12; 10:9; I Co. 10:4), como no alemão, não "*das ist*", mas "*das heiszt*" (MNT, pág. 168). **Por vós** enfatiza o aspecto sacrificial.

Em memória envolve mais do que simples lembrança; a palavra sugere uma convocação ativa da mente. E a frase **de mim** é mais ampla do que *da minha morte*. A pessoa que efetuou a obra é o objeto da lembrança. O imperativo presente sugere que a constante freqüência da Ceia do Senhor é uma ordem divina (cons. Atos 20:7).

25. *O Novo Testamento* faz o ouvinte lembrar do velho testamento mosaico, que só podia condenar. O grego *diatheke* em contraste com o *syntheke*, a costumeira palavra do V.T. para "aliança", enfatiza a iniciativa de Deus nela. A nova aliança forneceu uma eficiente remissão de pecados. No meu sangue aponta para a esfera e base das bênçãos da aliança. A tradução sugestiva de Barclay é: "Este cálice é a nova aliança e ela custou o meu sangue" (*op. cit.*, pág. 114). A repetição do **em memória de mim** destina-se aos coríntios desordeiros; eles deviam

aprender que *comunhão* com Cristo, não *alimento*, era a coisa importante na Ceia.

26. Porque introduz o motivo da Ceia precisar ser continuamente repetida. Ela é um sermão objetivo, pois por meio dela **anunciais a morte do Senhor** (*mostrais*). A Ceia descortina dois quadros, passado e futuro, uma vez que deve ser realizada **até que ele venha** (cons. Mt. 26:29).

3) A Aplicação aos Coríntios. 11:27-34.

Agora Paulo aplica o ensinamento aos crentes desordeiros.

27. Por isso introduz a aplicação, conseqüência da instrução. **Indignamente** não se refere à pessoa daquele que participa, mas à maneira pela qual participa. Todos são indignos sempre. **Réu do corpo e do sangue do Senhor.** *Culpado de pecado contra o corpo e o sangue.*

28. Pois introduz a alternativa certa, o auto-exame. É preciso que haja preparação antes da participação.

29. Pois. O motivo porque o auto-exame, ou a confissão de pecado, deve preceder à participação, é que, caso contrário, o crente torna-se sujeito ao **juízo** (o significado de *krima*). **Sem discernir o corpo** significa "não avaliando devidamente" (ICC, pág. 252; o verbo se encontra duas vezes no v. 31). Isto é, o crente não reconhece a unidade do corpo, a Igreja (cons. 10:16, 17; 11:20, 21).

30. A condenação já dera sobre alguns **eis a razão** – abuso da Mesa do Senhor. Alguns já tinham cometido pecado para morte e já dormiam (o verbo *koimao*, *dormir*, quando se refere à morte, refere-se sempre à morte de crentes; cons. Jo. 11:11, 12; Atos 7:60; I Co. 15:6, 18, 20, 51; I Ts. 4:13, 14, 15; II Pe. 3:4). Esses crentes não perderam sua salvação, mas perderam o privilégio de servir sobre a terra.

31. O preventivo é **se nos julgássemos a nós mesmos** devidamente.

32. Mesmo o juízo de Deus não é eterno; tem a intenção da disciplina familiar, **disciplinados pelo Senhor**, para evitar a condenação

com o mundo. Aqui Paulo usa a forte palavra *katakrino*, que significa *condenação* eterna.

33. Assim, pois. Segue-se uma palavra de conclusão, um apelo prático aos coríntios para que se lembrem da unidade do corpo em sua observância da festa.

34. Condenação (E.R.C.) não está certo. Leia-se, antes, **juízo** (a palavra é *krima* novamente, como no v. 29). **Quanto às demais coisas** relacionadas com a Ceia do Senhor, diz Paulo, ele as resolveria quando de sua visita.

E. Conselho Referente aos Dons Espirituais. 12:1 – 14:40.

Com o familiar *peri de*, Paulo menciona outra pergunta feita pelos coríntios. O novo assunto, dons espirituais, liga-se entretanto, com a seção precedente por se tratar do culto público. É importante distinguir dons espirituais de graças espirituais ou ofícios espirituais. Graças espirituais são qualidades do caráter espiritual. Cada crente é responsável pelo desenvolvimento de todas elas (cons. Gl. 5:22, 23). Ofícios espirituais são posições dentro da igreja para a administração dos seus negócios, quer seja uma administração espiritual do rebanho (anciãos), quer seja uma administração espiritual das coisas temporárias (diáconos; cons. I Tm. 3:1-13). Só alguns crentes têm ofícios espirituais. Os dons espirituais são capacitações divinas relacionadas com o culto na igreja local, oficial e extra-oficial. Cada crente possui um dom espiritual, mas nem todos os crentes possuem o mesmo dom (cons. I Co. 12:4-11). A igreja em Corinto, certamente não era uma igreja mona, estava em perigo de abusar dos seus privilégios com uma super ênfase sobre alguns desses dons espetaculares. O apóstolo apresenta primeiro a unidade e a diversidade dos dons (12:1-31a), depois a primazia do amor na procura dos dons (12:31b - 13:13), e finalmente a avaliação e regulamentação no exercício dos dons de profecia e línguas (14:1-40).

1 Coríntios 12

1) A Validade do Pronunciamento. 12:1-3.

Paulo dá à igreja uma palavra de admoestação, em primeiro lugar, para ajudá-la a determinar os pronunciamentos genuinamente espirituais. Os antecedentes pagãos dos coríntios não lhes adiantariam nada nesse assunto.

1. Dons espirituais (lit. *coisas espirituais*) não se refere aos homens espirituais (cons. F.W. Grosheide, *Commentary on the First Epistle to the Corinthians*, pág. 278, embora o próprio Grosheide não adotasse este ponto de vista); nem também simplesmente a **espirituais** (G. Campbell Morgan, *The Corinthian Letters of Paul*, pág. 145, 146). A palavra **dons** no versículo 4, como também as palavras de Paulo em 14:1 (note-se o gênero neutro), fornecem o complemento da palavra **dons**.

2,3. Por isso, por causa de sua necessidade de instrução, eles deviam **compreender que ninguém que fala pelo Espírito de Deus afirma: Anátema Jesus!** (o critério negativo), por outro lado, **ninguém pode dizer: Senhor Jesus! senão pelo Espírito Santo** (o critério positivo). O apóstolo, é claro, refere-se à pronunciamentos que vêm do coração (cons. Mt. 26:22,25).

2) A Unidade dos Dons. 12:4-11.

Depois de pequeno comentário, Paulo examina primeiro a unidade dos dons, uma unidade de fonte e propósito.

4-6. Dons. O grego *karismaton* com a palavra *karis*, "graça", tem sido traduzido para *dons da graça* com bastante propriedade. A palavra foi usada aqui no sentido técnico dos dons espirituais. Do ponto de vista 1) do Espírito, são **dons**; 2) do Senhor, serviços ou ministérios prestados à assembléia; 3) do Pai, **realizações**, ou obras sobrenaturais.

7. Concedida a cada um distingue o dom do ofício (cons. I Pe. 4:10).

8-10. Alguns dos dons estão relacionados logo a seguir.

8. A palavra de sabedoria, provavelmente um dom temporário como o apostolado, estava relacionado com a comunicação da sabedoria espiritual, tal como contida nas Epístolas. Foi necessária antigamente quando a igreja não possuía o N.T. **A palavra do conhecimento** relacionava-se com a verdade de caráter mais prático as partes práticas das Epístolas); também foi um dom temporário. A Palavra de Deus agora é suficiente.

9. A fé. Não deve ser confundida com a fé salvadora, que todo crente possui. Esta é a fé que se manifesta em situações especiais, onde a fé toma-se necessária para a realização de alguma coisa (cons. 13:2). A fé de George Müller, ou a de Hudson Taylor, serviriam de exemplos. **Dons de curar.** Não deve ser confundido com a abra dos que hoje proclamam curar. O dom de curar fornecia restauração de vida, que está além do poder dos "curandeiros divinos" (cons. Atos 9:40; 20:9). A Palavra ensina *cura divina* de acordo com um padrão (cons. Tg. 5:14, 15); ela não apresenta "curandeiros divinos".

10. A profecia. O dom de *predizer e proclamar* uma nova relação de Deus também foi temporário, necessário enquanto o cânon não estava completo. Agora não há mais necessidade de nenhum acréscimo; a proclamação e o entendimento da revelação completa é tarefa da igreja hoje em dia. **Discernimento de espíritos** hoje é feito pelo Espírito através da Palavra. **Línguas e capacidade para interpretá-las** foram temporários (veja comentário abaixo), relacionando-se com línguas conhecidas e não pronunciamentos estáticos, embora a questão do falar em línguas seja discutível.

11. Como lhe apraz. O Espírito é o despenseiro soberano dos dons. As palavras são uma chave para a seção seguinte, mostrando que aqueles que aparentemente são mais favorecidos com os dons não têm nenhum mérito próprio neles, e os que são menos favorecidos não são menos importantes (cons. Godet, op. cit., II, 206).

3) A Diversidade dos Dons. 12:12-31a.

Usando a ilustração do corpo humano, Paulo descreve o relacionamento entre os crentes que possuem dons, entre si e com Cristo na Igreja, o Seu corpo.

12. Porque introduz a explicação da unidade na diversidade e da diversidade na unidade dos crentes no corpo. Que Cristo dá o seu nome ao corpo vê-se nas palavras **assim também com respeito a Cristo** (lit. *o Cristo*).

13. Pois dá a razão da união, o batismo do Espírito *formando um corpo. Em um só Espírito* (lit.; cons. Mt. 3:11; Lc. 3:16; Atos 1:5) expressa a esfera da união efetuada pelo batismo. **Um corpo** é o fim para o qual o ato foi dirigido (cons. ICC, pág. 272). O tempo aoristo em **batizados** claramente indica que a ação é um ato passado, verdadeiro para com **todos** os crentes (até mesmo os carnais coríntios; cons. I Co. 3:1-3), que jamais deverá ser repetido. Na verdade, o batismo que unte a Cristo não deve ser buscado; já foi realizado de uma vez por todas. Como consequência dessa união com Cristo, os crentes **todos beberam de um só Espírito**. União com ele envolve necessariamente a habitação do Espírito.

14-20. A ilustração do corpo está desenvolvida nestes versículos, com ênfase sobre a diversidade dos membros, por causa dos aparentemente inferiores, que achavam que seus dons não era importantes. O pensamento chave é: **O corpo não é um só membro, mas muitos** (v. 14), e os membros foram colocados **no corpo, cada um deles como lhe aprouve** (v. 18). Assim, os aparentemente inferiores não deviam invejar os aparentemente superiores.

21-24. O relacionamento de dependência dos membros é conspícuo. Membros aparentemente superiores (tendo os dons mais espetaculares) não deviam desdenhar os aparentemente inferiores. Na verdade, Paulo diz, **os membros do corpo que parecem ser os mais fracos** merecem mais atenção (pelo uso da roupa), e de acordo com esta analogia, os aparentemente inferiores podem esperar de Deus essa mesma igualação

de dignidade dentro do corpo, a Igreja. Na verdade, é justamente o que Deus tem feito, pois **Ele coordenou o corpo**. **Coordenou** refere-se à mistura de dois elementos para transformá-los em um só composto, tal como o vinho e a água (A-S, pág. 245). O corpo é uma unidade.

25. Para que. O propósito da unidade é (negativamente) para que não haja **divisão** (cons. 1:10; 11:18), **no corpo**; e (positivamente) para que **cooperem os membros com igual cuidado, em favor uns dos outros**.

26. Os resultados naturais da união perfeita dos membros são sofrimento e o regozijo mútuo.

27. O corpo de Cristo (lit. *corpo de Cristo*, sem artigo definido) não se refere à igreja local de Corinto, pois não existem muitos corpos, um pensamento contrário ao contexto. Antes, ele aponta para a qualidade do todo, o qual cada um deles individualmente ajuda a constituir (ICC, pág. 277).

28. Uma lista mais completa dos dons, influenciando alguns que não se encontram nos versículos 4-11. **Primeiramente, em segundo lugar, e em terceiro** refere-se à hierarquia, mas **depois e depois** provavelmente não.

29,30. As perguntas fazem o leitor voltar a 12:14, 27. E nesses versículos Paulo dá um golpe mortal na teoria de que falar em línguas seja um sinal de posse do Espírito, pois a resposta "não" é a que se espera de cada pergunta (cons. grego).

31. Os melhores dons (lit., *os maiores dons*) referem-se ao ensino, socorros, etc. Línguas foram significativamente colocadas no final da lista. Este significado inferior das línguas Paulo vai examinar no capítulo 14. Enquanto isso, ele diz que vai descrever uma busca que é muito mais importante do que a busca de qualquer dom espiritual.

4) A Primazia do Amor sobre os Dons. 12:31b – 13:13.

A última cláusula do capítulo 12 tem sido mal interpretada. Muitos acham que Paulo aqui está mostrando *como* os dons são ministrados, isto é, em amor. Entretanto, o uso da palavra **caminho** (*hodos*) no sentido de "uma estrada" em lugar de caminho (*tropos*) no sentido de "maneira", e a

declaração de 14:1, indicam que Paulo está, antes, apontando para um tipo de vida superior à vida gasta na procura e exibição dos dons espirituais. Num certo sentido, então, há um parêntese no argumento, mas intimamente relacionado com ele. O pensamento é este: Quando vocês exercitarem os dons, tenham a certeza de compreender o seu devido lugar no esquema geral das coisas. O amor é a coisa mais importante (12:31b - 13:3), contendo nobres propriedades (vs. 4-7), e ele permanece para sempre (vs. 8-13). Ele fornece a resposta para a velha pergunta: O que é o *summum bonum*?

1 Coríntios 13

1. As línguas dos homens e dos anjos. Provavelmente o dom de línguas. *Caridade* (E.R.C.). Antes, **amor**, mas é um amor que inclui caridade! **Bronze que soa** (MNT, *um gongo barulhento*). O que Paulo quer dizer é que o poder da expressão não fica determinado pela dicção, fraseologia e estilo; ele fica determinado pela profundidade do coração.

2. O apóstolo sobe das línguas para a *profecia*, **ciência** e **fé** (cons. 12:8-10). **O amor** é maior do que a **fé**, porque o fim é maior do que os meios (cons. Lc. 9:54). **Nada.** "Não *oudeys*, ninguém, mas um zero absoluto" (A.T. Robertson, *op. cit.*, IV, 177).

3. O pensamento vai dos dons para os atos que parecem ser a expressão do amor, um grande ato de filantropia e um ato de martírio. Em lugar de **ser queimado**, muitos dos melhores manuscritos dizem, *para poder me gloriar*. Mas no todo parece que a nossa versão tem a tradução genuína. Talvez seja uma alusão ao indiano, Zarmano-chegas, que se queimou publicamente sobre uma pira funerária e tinha esta inscrição no seu monumento em Atenas, "Zarmano-chegas, um indiano de Bargosa, que de acordo com os costumes tradicionais da Índia, tornou-se imortal e jaz aqui" (Barclay, *op. cit.*, pág. 132). Tal exibicionismo não passa de egoísmo. O espírito do ego pode ser introduzido nos maiores atos humanos. **Nada disso me aproveitará.**

4-7. Uma descrição da natureza do amor, com suas nobres propriedades, é o que se segue. Pode-se quase dizer que aqui o amor foi personificado, uma vez que a descrição é praticamente uma descrição da vida e caráter de Jesus Cristo. Entretanto, o quadro está diretamente relacionado com os coríntios. A observância das verdades deste capítulo, conforme será notado nos comentários seguintes, resolveria seus problemas.

O amor é paciente, é benigno pode ser uma declaração que resume toda a seção, com as oito qualidades seguintes relacionadas com a paciência e as quatro seguintes com a benignidade.

Não arde em ciúmes (MNT, *não conhece o ciúme*) relaciona-se com a atitude dos irmãos que achavam que seus dons eram inferiores (12:14-17). O amor resolveria este problema. **Não se ufana.** Literalmente, *não é gabola*. Isto se relaciona com 12:21-26. **Não se ensoberbece** aponta claramente para a introdução deste livro (1:10 - 4:21).

5. As palavras **não se conduz inconvenientemente** claramente se relaciona com diversas partes do livro (cons. 7:36; 11:2-16, 17-34). **Não procura os seus interesses** seria a resposta ao problema das carnes sacrificadas aos ídolos (cons. 8:1 - 11:11. **Não se exaspera.** Esta qualidade do amor resolveria o problema dos processos legais (cons. 6:1-11). **Não se ressentido do mal.** Ou, *não conspira o mal*.

6. Não se alegra com a injustiça sugere o problema da imoralidade e falta de disciplina em 5:1-13.

7. Tudo crê não inclui credulidade. Quer dizer, antes, que o crente não deve ser desconfiado. Se, contudo, o pecado está evidente, o crente deve julgá-lo e discipliná-lo. Desta descrição do amor, está evidente que Moffatt tinha razão ao dizer: "O poema lírico, assim, transformou-se em um bisturi". Paulo estava penetrando na ferida aberta do pecado da igreja de Corinto com esta linda descrição da única coisa, o amor, que poderia resolver todos os problemas dos crentes.

8-13. Nos versículos restantes explica-se a permanência do amor. O amor, diferindo dos dons de profecia, línguas e ciência, nunca falha, nem cessa sua atividade. O ponto principal do versículo 8 é que virá um tempo quando os dons mencionados deixarão de existir.

9. Porque introduz a explicação do por que os dons desaparecerão. Virá um tempo de ciência e profecia perfeitas.

10. O que é perfeito não pode ser uma referência à conclusão do cânon das Escrituras; nesse caso, nós hoje em dia, vivendo na dispensação do cânon completo, entenderíamos com mais clareza do que Paulo (v. 9). Até mesmo o mais convencido e dogmático dos teólogos dificilmente admitiria tal coisa. A vinda daquilo que é perfeito só pode ser uma referência à segunda vinda do Senhor. Esse acontecimento marcará o fim do exercício da profecia, das línguas e da ciência. Como se pode então, falar desses dons como sendo temporários? O versículo seguinte responderá a pergunta.

11. É extremamente importante para se compreender o pensamento de Paulo que se observa na forma da ilustração que ele introduz nesta altura. A ilustração tem a intenção de mostrar o caráter do período entre as duas vindas de Cristo. Com referência a esses dons em particular, ela pode ser comparada ao crescimento de uma pessoa, da infância à idade adulta. Os dons especiais e espetaculares eram necessários nos primórdios do crescimento da verdadeira igreja (cons. Ef. 4:7-16), com propósitos de autenticação (cons. Hb. 2:3, 4) e edificação (I Co. 14:3), quando não havia N.T. para dar luz. Eles eram o "balbuciar" da igreja. Conforme a história tem comprovado com abundância, com a vinda da Palavra e o amadurecimento da igreja, deixou de haver necessidade desses dons. É duvidoso que hoje em dia haja, em algum lugar, o exercício bíblico desses três dons mencionados por Paulo nesta passagem. (Eu) **falava** (lit. *costumava falar*) possivelmente se refere às línguas especificamente, **sentia** à profecia, e **pensava** à ciência. Entretanto, ninguém pode ser dogmático quanto a isso. **Desisti das coisas próprias de menino** (lit, *eu já acabei*, o tempo perfeito

ênfatisando os resultados da ação) depende em última análise da vinda daquele **que é o perfeito** (v. 10).

12. Porque. Paulo explica que o tempo presente é o estágio infantil. **Agora** pode ser traduzido para *no momento presente* (a palavra *arti* geralmente se refere ao tempo presente em contraste com o passado ou tempo futuro). À luz do fato que os coríntios viam **em espelho, obscuramente e em parte** através do exercício dos dons, porque deveriam se gloriar tanto naquilo que era fragmentado?

13. Agora (*nuni* infere-se ao tempo generalizadamente sem referência a qualquer outro tempo, mas aqui ele pode bem ser lógico e não temporal, sendo traduzido para deste modo, pois).

Permanecem a fé, a esperança e o amor. Essas virtudes sobrevivem aos dons, e conseqüentemente, devem ser cultivados com mais dedicação. Não é verdade que "a fé se desfaz à vista, e a esperança acaba com o deleite", pois ambas permanecem eternamente. Como a fé e a esperança permanecerão? Godet acertou o seu significado: "A essência permanente da criatura é que nada possui de próprio, sendo eternamente desamparada e pobre . . . Não é de uma vez, mas continuamente, na eternidade, que a fé se transforma em visão e a esperança em posse. Essas duas virtudes, portanto, permanecem para viver incessantemente" (op. cit. II, 261). O amor é a maior das forças do universo, e a sua fonte verdadeira e expressão mais definida é o Gólgota. Sob o impulso desse amor não se pode deixar de cantar, com adoração:

O mundo inteiro não será
Presente digno do Senhor
Amor tão grande e sem igual,
Em troca exige o meu amor.

1 Coríntios 14

5) A Superioridade da Profecia e o Culto Público na Igreja. 14:1-36.

Ao que parece havia uma causa principal para as desordens na igreja, a qual envolvia o uso inadequado do dom de línguas. O apóstolo

resolve o assunto neste capítulo. Ele afirma a superioridade da profecia sobre as línguas (vs. 1-25), depois acrescenta a orientação para o exercício dos dons (vs. 26-33) e para a regulamentação da participação das mulheres nas reuniões das assembleias (vs. 34-36). Segue-se um resumo e uma conclusão (vs. 37-40).

Ninguém que tenha investigado a natureza do dom de línguas poderia ser dogmático no assunto. A presente exposição deste capítulo segue a opinião que o dom de línguas era a capacidade de falar em línguas conhecidas, não uma fala estática. (E.R.C. *estranha*, não aparece no texto grego, o qual diz simplesmente língua.) Muitos comentadores modernos adotam a opinião de que o dom envolvia a fala estática (cons. MNT, pág. 206-225; Morris, *op. cit.*, pág. 172, 173, 190-198). Há certos fatores, entretanto, que lançam alguma dúvida sobre a exatidão desta interpretação.

Em primeiro lugar, parece claro que o falar em línguas registrado em Atos foi em línguas conhecidas (cons. Atos 2:4,8,11). À vista de que Lucas foi um companheiro íntimo de Paulo (ele pode até mesmo ter estado em Corinto) e ter escrito o livro de Atos depois da correspondência com Corinto, deveria lhe parecer lógico observar a distinção entre o fenômeno de Atos e de Corinto, se ela existisse. Em outras palavras, I Coríntios deveria ser interpretado segundo Atos, o desconhecido pelo conhecido, um bom princípio de hermenêutica. Além disso, a terminologia de Paulo é idêntica a de Lucas em Atos, embora Lucas defina melhor a sua terminologia. Paulo usa a palavra grega *glossa*, significando **língua**; Lucas usa esta palavra e ainda a define melhor como sendo um *dialektos* (Atos 1:19; 2:6, 8; 21:40; 22:2; 26:14), uma palavra que em todos os casos se refere à língua de uma nação ou região (cons. Arndt, pág. 184). É bastante inverossímil que os fenômenos descritos pelos dois escritores em termos idênticos, sejam diferentes.

Finalmente, a intenção do dom era que fosse um sinal para os judeus (I Co. 14:21, 22), conforme profetizado no V.T. (cons. Is. 28:11), como também uma sugestão referente ao método do cumprimento da

ordem dada em Atos 1:8. No Pentecostes foi inaugurada a obra do Espírito, a qual reverteria a maldição de Babel (cons. Gn. 11:1-9), quando aconteceu a confusão das línguas (conhecidas). Assina, o dom tinha dois gumes. Era um sinal para despertar os judeus (em todos os casos da ocorrência do dom, em Atos, os judeus estavam presentes; cons. Atos 2:4 e segs.; 8:17,18; 10:46; 19:6), e um sinal da obra de Deus que reuniria os redimidos sob a bandeira do Rei Messias no seu reino vindouro. Introduzindo línguas estáticas no quadro só introduziríamos a confusão sob diversos aspectos. Pontos adicionais para sustentar a tese de que as línguas foram línguas conhecidas são apresentados na exposição da seção.

1. O versículo introdutório, que não contém nenhuma partícula conectiva, é uma reafirmação do conteúdo de 12:31b - 13:13, com vistas à mudança de assunto. **Segui** (lit. *buscai*) é mais forte do que *desejai*. Ao que parece, segundo esta declaração, embora os dons espirituais sejam soberanamente concedidos, eles não são necessariamente garantidos a cada pessoa no momento da conversão. **Principalmente** aponta para a avaliação que Paulo faz da profecia em contraste com as línguas. Falar em línguas não edifica (vs. 2-5), não traz benefício sem interpretação (vs. 6-15); na verdade, apenas inebria (vs. 16-19).

2. Outra língua (lit. *uma língua*). As palavras **ninguém o entende** refere-se ao falar em línguas sem intérprete.

3-5. A avaliação do apóstolo é explícita. A profecia é maior do que as línguas, **salvo se as interpretar**. No caso de interpretação, o falar em línguas assume praticamente o caráter de profecia. (Seda esse o motivo de estarem geralmente juntos em Atos? Cons. Atos 10:46; 19:6.)

6-15. A inutilidade das línguas sem interpretação, Paulo as ilustra com fatos extraídos da vida. **Revelação** precede a **profecia** e a **ciência** precede a **doutrina** (lit. ensinamentos).

7. Sons . . . distintos são necessários na música e no falar; caso contrário ninguém entende.

9. Assim vós introduz a aplicação da ilustração.

10,11. Uma outra ilustração no reino das línguas; e o ponto de destaque é, "a fala é inútil ao ouvinte, se ele não a entende" (ICC, pág. 310).

12. Assim também vós introduz a conclusão do argumento extraído das ilustrações. A edificação é o alvo dos dons espirituais.

13,14. Aquele que tem o dom de línguas deve orar pedindo o dom da interpretação. Caso contrário, o meu espírito ora de fato, mas a minha mente fica infrutífera. Isto é, não colhe nenhum fruto da compreensão dos ouvintes.

15. Também orarei com a mente significa orar de modo que haja fruto na compreensão dos ouvintes, como indicam os versículos seguintes. Falar de maneira inteligível é o essencial.

16. O indouto provavelmente se refere àquele que não tem o dom de línguas ou interpretação, ou talvez àquele que não passa de um interessado (cons. F.F. Bruce, *Commentary on the Book of the Acts*, pág. 102; Morris, *op. cit.*, pág. 195, 196). Refere-se ao povo em geral.

18,19. A referência de Paulo é clara. Por mais que ele use línguas fora da assembléia (publicamente ou em particular), **na igreja** (enfático no grego) ele devia falar com **entendimento** para instruir outros.

20-25. Paulo mostrou a superioridade da profecia para os de dentro, e agora ele discute sua superioridade para os de fora.

21,22. O apóstolo introduz uma citação livre da **lei** (a **lei** aqui se refere ao V.T.) para mostrar que as línguas tinham a intenção de ser um sinal da presença de Deus com outros além dos judeus. Em Is. 28:11,12, o lugar da citação, os assírios são mencionados como homens de *outra língua*. Assim, o dom se destina em primeiro lugar aos incrédulos. Em Atos este dom foi mencionado quatro vezes (o "vendo" de Atos 8:18 parece sugerir que houve um sinal exterior em Samaria), e em todos os casos os judeus estavam presentes. Era intenção de Deus indicar a este grupo incrédulo que Ele estava com o novo movimento. Está bastante claro que línguas conhecidas, tais como foram faladas em Pentecostes eram os únicos sinais adequados para os judeus difíceis de ser

convencidos. A linguagem estática tem muitas explicações naturais, mas nenhuma delas é o fato histórico de que grupos não-cristãos tenham freqüentemente falado assim (MNT, pág. 208, 209).

23-25. Paulo descreve os diferentes efeitos das línguas e da profecia sobre os de fora, indicando a superioridade da profecia. Não há nenhuma contradição nesta passagem com 14:22, como pode parecer à primeira vista (as línguas não ajudam o incrédulo, quando a profecia parece ajudá-lo). No último versículo, trata-se de indivíduos que ouviram e rejeitaram a verdade, conforme prova a comparação com os israelitas rebeldes, enquanto que nos versículos seguintes trata-se de ouvintes que estão ouvindo a mensagem pela primeira vez (ICC, pág. 319). A profecia conduz a convicção da condição de pecado da pessoa, ao julgamento (lit. *examinado*) e à manifestação dos **segredos do coração**. O resultado é que **adorará a Deus**, o verdadeiro objetivo de todo ministério (cons. Mt. 14:33).

26-33. Aqui se dão instruções sobre o exercício dos dons. A seção é importante porque é "a más íntima visão que temos dos cultos da igreja primitiva" (Morris, *op. cit.*, pág. 198, 199). Que contraste encontra-se aqui com os cultos formais e inflexíveis que prevalecem entre a maior parte do Cristianismo de hoje! Barclay, comentando esta liberdade e informalidade, destaca dois fatos que emergem aqui. Primeiro, "Está claro que a igreja primitiva não tinha ministério profissional" (*op. cit.*, pág. 149). Segundo, no culto propriamente dito "não havia nenhuma ordem estabelecida" (*ibid.*, pág. 150). Os crentes primitivos não iam aos cultos para ouvir um sermão de um homem ou simplesmente para receber; iam para dar. Muito se tem perdido com a renúncia de tais privilégios.

26,27. *Cada um de vós* (E.R.C.) aponta para a livre participação, mas como essa liberdade poderia levar à desordem, Paulo aconselha, **Seja tudo feito para edificação**. O falar deverá ser **sucessivamente**.

28, 29. As línguas não deviam ser faladas a não ser que um intérprete estivesse presente, e quando muito só três deviam participar. Ao que parece a orientação para a profecia era mais amena.

32,33. Os impulsos proféticos estavam **sujeitos aos próprios profetas**, isto é, àqueles que enunciavam as profecias. O autocontrole deve sempre estar presente; caso contrário, resultaria em **confusão**.

34,35. Uma palavra para as mulheres foi inserida aqui, possivelmente porque houvesse uma intrusão não autorizada de algumas nos cultos da igreja. Elas deviam ficar **caladas** (cons. I Tm. 2:12). Mesmo se, como pensam alguns, as mulheres tinham permissão de orar e profetizar na igreja primitiva (cons. 11:5, embora deva-se lembrar que a profecia foi um dom temporário), outra manifestação não era permitida. Paulo nada diz sobre as solteironas que não têm **em casa seus próprios maridos!**

36. O apóstolo dá uma resposta indignada à sugestão implícita de que Corinto tivesse direito de ser diferente das outras igrejas. Os crentes coríntios não eram diferentes em autoridade e posição.

6) A Conclusão. 14:37-40.

Um resumo e uma conclusão, começando com uma forte declaração de autoridade.

38. Será ignorado. O ignorante das palavras de Paulo devia ser abandonado em sua condição. A tradução correta, entretanto, poderia ser, *que seja ignorado*, isto é, por Deus (com base em uma diferente tradução de bons manuscritos).

40. Decência pode se referir ao comportamento das mulheres e à observância da Ceia do Senhor (11: 2-34) e **com ordem** pode se referir aos dons espirituais (12:1 - 14:40).

1 Coríntios 15

F. O Conselho Referente à Doutrina da Ressurreição. 15:1-58.

Iniciando este capítulo seria melhor ter um conceito do modo de vida grego. Em geral os gregos criam na imortalidade da alma, mas não aceitavam a ressurreição do corpo. Para eles a ressurreição do corpo era coisa inimaginável devido ao fato de que consideravam o corpo como a fonte da fraqueza e pecado humanos. A morte, portanto, era bem-vinda, uma vez que através dela a alma seria libertada do corpo; mas a ressurreição não era bem-vinda, porque isto constituiria outra descida da alma à sepultura do corpo. Foi esse o ceticismo que Paulo enfrentou em Atenas (cons. Atos 17:31, 32) e que o cristão enfrenta no mundo moderno. James S. Stewart, Professor do Novo Testamento na Universidade de Edimburgo, expôs sucintamente o eterno conflito: "Há vinte séculos que as risadas do Areópago continuam ecoando".

II. A Certeza da Ressurreição. 15:1-34.

O problema de Corinto dentro da igreja cristã. Os crentes tinham aceitado a ressurreição, pelo menos a de Cristo; mas sob a influência da filosofia grega, alguns duvidavam da ressurreição física dos cristãos. Portanto, o apóstolo escreveu combatendo a fraqueza doutrinária. Seu método era positivamente claro. Primeiro ele examina a certeza da ressurreição, desenvolvendo a necessária conexão entre a ressurreição de Cristo e a dos crentes (vs. 1-34). Continua depois com um exame de certas objeções (vs. 35 -57). E depois conclui com um apelo (v. 58).

1,2. Irmãos (E.R.C.) introduz o novo assunto, a ressurreição, uma parte integral do **evangelho**.

Sois salvos (gr., tempo presente) pode se referir à salvação contínua do poder do pecado nas vidas dos crentes, ou pode se referir à salvação diária dos habitantes de Corinto conforme recebiam a mensagem e se filiavam à igreja de Jesus Cristo. **Crido em vão** não indica perda de salvação como possibilidade. O apóstolo quer dizer, ou, que a fé que não persevera, não é fé salvadora; ou, que a fé acomodada em uma ressurreição implícita do Messias seria sem base, se a

mensagem da ressurreição de Cristo não fosse verdadeira. A última interpretação é provavelmente a correta. Se Cristo não fosse crucificado e ressuscitado, a salvação seria impossível.

3,4. Antes de tudo (lit. *entre as primeiras coisas*) refere-se à importância, não ao tempo. A substância da mensagem de Paulo está contida nos quatro quês (E.R.C.) depois da palavra **recebi**, e eles incluem a morte de Cristo, Seu sepultamento, ressurreição e aparições. Essas coisas formam o Evangelho.

Pelos nossos pecados, segundo as Escrituras deve ser entendido à luz de passagens tais como Isaías 53. A preposição **pelos** (gr. *hyper*, que os modernos gramáticos atualmente reconhecem, pode indicar substituição) sugere Sua morte em nosso lugar. A palavra **sepultado**, a única referência ao Seu sepultamento fora dos Evangelhos, com exceção das Palavras de Paulo em Atos 13:29 (cons. Atos 2:29), destrói a fraca teoria da síncope de nosso Senhor. Ele realmente morreu. E naturalmente isso conduz à sepultura vazia, uma testemunha da Ressurreição que jornais foi eficientemente refutada. **Ressuscitou**, um tempo perfeito, implica em resultados permanentes. (Em relação ao problema de tradução à vista da frase que define o tempo, terceiro dia, veja James Hope Moulton's *A Grammar of New Testament Greek*, I, 137).

5. E apareceu introduz uma evidência fora das Escrituras do N.T.

6. A referência à **maioria** que **sobreviveu** tem um imenso valor apologético. A história da ressurreição era incontestada, até onde sabemos, vinte e cinco anos depois! A aparição pode ser a de Mt. 28:16-20.

7. Este **Tiago** era provavelmente o irmão do Senhor e esta aparição pode tê-lo feito crer em Cristo (cons. Jo. 7:5; Atos 1:14).

8. Como por um nascimento fora do tempo (lit.) não se refere às zombarias dos seus inimigos, nem ao fato dele ter vindo a Cristo antes de sua nação, Israel, a qual virá a Cristo no futuro (cons. Rm. 11:1-36). O **porque** do versículo seguinte explica. Paulo se considera, comparado com os outros apóstolos, como uma criança abortiva que seda olhada entre crianças perfeitamente fornadas, porque ele foi elevado do seu

papel de perseguidor ao de apóstolo. Os outros responderam ao chamado amoroso do Salvador, mas o chamado de Paulo na Estrada de Damasco quase teve o elemento da força em si. Portanto, ele magnifica a *graça de Deus* que veio a ele (cons. Ef. 3:8; I Tm. 1:15).

10. Trabalhei muito mais do que todos eles tem sentido ambíguo. Pode se referir aos outros apóstolos individualmente ou coletivamente. O último deve ser o certo, pois a história parece apoiá-lo mais neste caso. Sob nenhuma circunstância o apóstolo enfatiza que tenha crédito pessoal por causa disso.

11. Assim pregamos liga a Ressurreição com a mensagem apostólica. **E assim crestes** liga os coríntios com a fé na ressurreição de Cristo. Tomando a fé deles na ressurreição do Senhor como ponto de partida, Paulo prova agora que isto logicamente envolve a fé na ressurreição física de todos os outros, que estão nele (vs. 12-19).

12,13. O fato da ressurreição de Cristo envolve a crença na ressurreição física. Não há nenhuma necessidade de discutir a ressurreição, uma vez que um já foi ressuscitado. Está óbvio que o argumento de Paulo volta-se para a humanidade de Cristo (cons. I Tm. 2:5, "o homem Cristo Jesus").

14. Vã. Sem conteúdo (gr. *kenos*). Se não houvesse ressurreição, o Evangelho estaria vazio de qualquer conteúdo verdadeiro. E a fé dos coríntios não estava de posse de um fato real; tudo não passada de miragem.

15. Mais ainda, se não houvesse ressurreição, os proclamadores do Evangelho seriam falsas **testemunhas** diante **de Deus**.

17. Vã, aqui, traduz um outro adjetivo, significando "sem alvo ou efeito útil" (gr., *mataios*). Se Cristo não tivesse ressuscitado, a fé dos coríntios teria deixado de atingir o seu fim ou alvo, isto é, a salvação. Não teriam certeza se Ele não morreu pelos Seus próprios pecados. A Ressurreição foi necessária para demonstrar a perfeição do caráter do Redentor (cons. Atos 1:24) e para demonstrar que o Pai aceitara a obra do Filho (cons. Rm. 4:25). Como alguém já disse, a Ressurreição é o

"Amém" de Deus ao "Tudo está consumado" de Cristo. Olhamos para a cruz e vemos a redenção realizada; vemos a Ressurreição e sabemos que a redenção foi aceita.

18,19. Sem a ressurreição, os crentes que pensaram estar morrendo **em Cristo**, na expectativa da bênção da ressurreição, *estão* realmente *perdidos* (forma enfática). A amarga conclusão é que a negação da Ressurreição faz dos cristãos **os mais infelizes de todos os homens**. Sofrem aqui e agora por uma fé que não passa de uma ficção (cons. Rm. 8:18).

20. Paulo, tendo estabelecido o fato de que Cristo ressuscitou e que o reconhecimento de Sua ressurreição é inconsistente com a negação da ressurreição dos mortos, comenta agora o fruto e resultado da ressurreição do Senhor. Desaparece a suposição e os fatos são apresentados quando ele diz, **Mas de fato Cristo ressuscitou**. A palavra **primícias**, que tem sua origem na Festa das Primícias em Israel (cons. Lv. 23:9-14), dá a idéia de um penhor e um modelo.

21, 22. Há um relacionamento indefinido entre Adão e a morte e Cristo e a vida. O pensamento do apóstolo penetra no assunto de Romanos 5. Quando Paulo escreve **todos serão vivificados em Cristo**, ele não está ensinando universalismo (uma heresia), nem ressurreição universal (uma verdade, mas não apresentada aqui), mas a ressurreição universal em Cristo. Os dois **todos** não são idênticos em quantidade, estando limitados pelas frases preposicionais **em Adão** e **em Cristo** (cons. Rm. 5:18). A palavra **vivificados** nunca foi usada em relação aos injustos no N.T. (cons. Jo. 5:21; 6:63; Rm. 8:11; Gl. 3:21; I Co. 15:45, o mesmo contexto). O capítulo contempla a ressurreição só dos crentes.

23. A **ordem** da ressurreição é o que vá ser discutido agora. Cristo é o primeiro, seguido dos crentes, **os que são de Cristo na sua vinda** quando vier buscar a Igreja (cons. I Ts. 4:13-18).

24. **Então**; *eita* no grego, cobre um intervalo, tal como o intimamente relacionado *epeita*, o *depois* do versículo precedente, cobre um intervalo longo, o intervalo do reino de Cristo na terra. Cada vez que

Paulo usa o *eita* envolve um intervalo. Observe que o *epeita* do versículo 23 já cobriu um intervalo de pelo menos 1900 anos! **O fim** refere-se ao fim do reino, como indica o versículo seguinte.

25. Porque dá a razão dEle não poder abdicar do reino até que venha o fim. O Filho tem de reinar como homem sob o Pai (cons. Sl. 110:1). Depois desse reino, o reino mediador será incorporado com o reino eterno de Deus triúno.

26. O anulamento da morte acontecerá diante do Grande Trono Branco, depois do reino e rebelião final de Satanás (cons. Ap. 20:7-15). Eis aí a resposta cristã aos filósofos gregos. Eles diziam que não há ressurreição, mas Paulo diz que não há morte (cons. EXpGT, II, 928).

27,28. A declaração de que **o próprio Filho também se sujeitará** a Deus tem feito alguns pensarem que a dignidade do Filho de Deus foi prejudicada, como também, possivelmente, faz restrições à Sua divindade. A sujeição, entretanto, não é a do Filho *como Filho*, mas *como o Filho encarnado*. Isto, é claro, não envolve a desigualdade da essência. O filho de um rei pode estar oficialmente subordinado e no entanto se igualar em natureza ao seu pai (cons. Charles Hodge, *An Exposition of the First Epistle to the Corinthians*, pág. 333-335). O ponto que Paulo defende é este: O Filho na qualidade de Filho encarnado tem todo o poder agora (cons. Mt. 28:18). Quando ele entregar a administração do reino terrestre ao Pai, então o Deus triúno reinará como Deus e não mais através do Filho encarnado. O messiado é uma fase da Filiação do Filho eterno (cons. Moffatt, MNT, pág. 249).

29-34. Depois de esboçar os aspectos positivos da ressurreição (vs. 12,28), o apóstolo volta-se agora para o lado negativo.

29. Os que se batizam por causa dos mortos? é uma expressão difícil de entender, que tem recebido muitas interpretações, algumas até bizarras e heréticas. Por exemplo, alguns proclamam que Paulo se refere à prática do batismo vicário, tal como praticam os Mórmons, ainda que ele mesmo não o aprovasse (cons. Morris, *op. cit.*, págs. 218-219). A prática, entretanto, surgiu apenas no segundo século, e apenas entre os

heréticos. Outros acham que o apóstolo se referia àqueles que eram batizados com base no testemunho dos que morreram. A preposição *hyper*, traduzida para **por causa**, pode significar "com referência aos", embora este não seja o significado normal. Outros ainda acham que Paulo se referia ao batismo dos jovens convertidos, que tomavam o lugar dos irmãos mais velhos que morriam na igreja. *Hyper* tem o significado "em lugar dos" com bastante frequência, mesmo no N.T., como II Co. 5:15 e Fl. 13 indicam, embora não seja esse o significado predominante. Os expositores do grego explicam que a expressão significa "batizados com interesse em (a ressurreição de) os mortos", mas foge ao natural por diversos motivos (cons. ICC, pág. 359-360). A segunda e terceira sugestões estão mais de acordo com a teologia paulina, mas a interpretação continua difícil.

31. Dia após dia morro refere-se aos perigos externos que Paulo enfrentava. Seria tolice enfrentá-los se não houvesse ressurreição (cons. II Co. 1:8, 9; 11:23).

32. Lutei em Éfeso com feras tem sido geralmente interpretado como referência figurativa das perseguições humanas que sofreu (cons. 16:9). **Comamos e bebamos** expressa o inevitável resultado da negação da vida futura – decadência moral (cons. Is. 22:13).

33,34. Depois de uma sutil advertência contra a associação com aqueles que estavam solapando a fé dos crentes na ressurreição, Paulo diz aos crentes que vigiem para justiça (lit. *tomar a sério as determinações de justiça*) e **não pequeis** (lit., *parem de pecar*). Os inevitáveis resultados morais da doutrina errada estão claramente expostos aqui. Ele acusa os coríntios, que se orgulhavam do seu conhecimento, de falta de **conhecimento de Deus**. Não foi por menos que ele acrescentou, **digo para vergonha vossa**.

2) Exame de Certas Objeções. 15:35-37.

O apóstolo trata de objeções nesta parte. Duas delas já foram mencionadas no primeiro versículo. **Como ressuscitam os mortos?**

indaga da *possibilidade* da ressurreição (não do método), e esta objeção é refutada no versículo 36. **E em que corpo vem?** relaciona-se à *natureza* do corpo ressurreto, e este problema é discutido nos versículos 37 a 49. O problema final, que está implícito, é o seguinte: O que acontecerá com aqueles que não morrerem? Paulo trata disso nos versículos restantes da seção (vs. 50-57).

35,36. A simples resposta do apóstolo à primeira pergunta, é que o corpo **não nasce**, (ressuscitado) **se primeiro não morrer**. A morte, inimiga do corpo, é na realidade o meio da ressurreição.

37-41. Usando uma ilustração extraída do mundo natural, Paulo trata de dois erros comuns. Uma é considerar o corpo ressurreto igual ao original, apenas reformado; a outra é considerá-lo um novo corpo sem relação com o original. O fato é que há continuidade (v. 36), identidade (v. 38), ainda que diversidade (vs. 39-41) entre os dois corpos. **Não... o corpo que há de ser** refuta a noção de que o corpo será o mesmo corpo na sua aparência física.

38. O seu corpo apropriado. Exatamente como no caso da semente, cada uma preserva sua identidade pessoal.

39,40. Nem toda carne é a mesma. À luz da teoria da evolução, esta é uma declaração interessante. Está planejada a preservação do elemento da diversidade entre os corpos da ressurreição dos crentes. **Corpos celestiais** são o sol, a lua, as estrelas, etc.

41. A declaração, **porque até entre estrela e estrela há diferenças de esplendor**, pode apontar para as diferentes recompensas entre os glorificados (cons. ICC, pág. 371-372).

42. Pois assim também introduz a aplicação paulina ao corpo da ressurreição. Quatro particulares são destacados, conforme o apóstolo luta para descrever o indescritível e expressar o inexprimível. Primeiro, o **corpo ressuscita na incorrupção**; não haverá possibilidade de deterioração (cons. vs. 53,54).

43. Ressuscita também em glória e em poder. Não haverá mais nele o princípio do pecado ou a fraqueza física.

44. Finalmente, **ressuscita corpo espiritual**. Aparentemente uma referência ao uso do corpo, não à sua substância. Será formado para ser o órgão do Espírito.

45. Paulo destaca que as Escrituras concordam com o que ele está dizendo, **pois assim está escrito**. Os dois Adãos estampam as características de suas raças. O termo, **o último Adão**, foi cunhada por Paulo (cons. MNT, pág. 263) para indicar que não haverá um terceiro homem representativo, sem pecado e sem pai humano, como foram ambos, Cristo e Adão. Se o último Adão de Deus falhasse, não haveria outro. **Vivificante** (lit. *doador de vida*; cons. Cl. 1:17; Fp. 3:20, 21).

47. *O Senhor, é do céu* prevê Sua vinda.

48,49. **E, assim como trouxemos** é uma promessa retumbante. Muitos manuscritos excelentes trazem *vamos trazer*, mas a tradução é provavelmente o resultado de uma primitiva corruptela do texto. **A imagem do celestial** é a nota final sobre a natureza do corpo da ressurreição. Será glorioso como o próprio corpo de Cristo (cons. Lc. 24:29-43; Fp. 3:21; Sl. 17:15).

50. A próxima pergunta a responder é a que naturalmente se segue. É esta: Mas o que vai acontecer com aqueles que não morrerem? De que forma eles participarão da ressurreição do corpo? O princípio é que deverá haver uma transformação, pois **a carne e sangue** (ele não diz *o corpo*) **não podem herdar o reino de Deus**.

51. Mistério (cons. 2:7). Nem todos (os crentes) **dormiremos** (morremos), **mas seremos todos transformados**, isto é, terão seus corpos transformados. O todos na última cláusula nega a doutrina do arrebatamento parcial da Igreja.

52. Num momento. Do grego *atmos*, "aquilo que não pode ser dividido", do qual se deriva a palavra *átomo*. **Num abrir e fechar de olhos.** O pestanejar de uma pálpebra. Estas frases enfatizam a subitaneidade da mudança. O soar da **trombeta** aponta para o tempo (cons. I Ts. 4:16).

53. Os mortos e os vivos se apresentam aqui ao autor, *corruptíveis* referindo-se aos mortos e *mortais* referindo-se aos vivos.

54. Esta gloriosa transformação na ressurreição realizará o cumprimento da **palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória** (uma aplicação livre da tradução de Teodósio de Is. 25:8). A consumação de Gn. 3:15 é alcançada.

55. Exultando pelo triunfo da ressurreição, Paulo ridiculariza a morte. Os melhores manuscritos têm as cláusulas inversas, com as duas perguntas feitas à **morte** (Paulo nunca usa *hades*; cons. Os. 13:14).

56. Uma declaração curta e concisa do relacionamento entre a **morte**, o **pecado** e a **lei**, sugerida pelo pensamento da remoção do **agulhão** da morte. **O agulhão da morte é o pecado** porque é por meio do pecado que a morte tem a sua autoridade sobre o homem, e é pela **lei** que o **pecado** ganha a sua **força**. A lei dá ao pecado o caráter de rebeldia, desafio consciente (com. Rm. 4:15; 7:7-13). A Lei, então, despertou o pecado o qual conduziu à morte. Cristo, penetrando na morte, venceu o pecado, para que os crentes pudessem cantar: "Morrendo, matou a morte".

57. O apóstolo dirige uma ação de graças dos redimidos ao **Deus** que, pela graça, **dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo. Por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo** aponta para a divina instrumentalidade, a obra de Cristo; e a frase é um pequeno resumo de tudo o que está envolvido nos versículos 3-5, 20-22. Estas palavras, confluindo o comentário sobre a ressurreição, fazem eco às palavras do apóstolo em outro lugar "e assim estaremos sempre com o Senhor" (I Ts. 4:17).

3) O Apelo Final. 15:58.

O portanto introduz a conclusão. Conforme as palavras de Robertson e Plummer, "que haja menos especulação e mais trabalho" (ICC, pág. 379).

1 Coríntios 16

V. A Conclusão: Assuntos Práticos e Pessoais. 16:1-24.

A. A Coleta para os Pobres. 16:1-4.

O último capítulo da carta trata de assuntos práticos e pessoais, dos quais o primeiro é a coleta para os pobres em Jerusalém. O capítulo apresenta uma ilustração da operação externa da grande realidade espiritual afirmada em 1:9 – isto é, que os crentes são "chamados para a comunhão de seu Filho Jesus Cristo nosso Senhor" (cons. 15:58).

1. Quanto introduz o assunto, dando a entender que foi mencionado na carta dos coríntios a Paulo.

2. No primeiro dia da semana, ou no domingo, era o dia em que os crentes se reuniam para prestar culto. Esta é a más antiga menção do fato (cons. Atos 20:7). A contribuição tinha de ser sistemática. **Conforme a sua prosperidade** estabelece a medida da contribuição no N.T. (cons. Atos 11:29). **De parte** é provavelmente uma referência ao lar; a contribuição tinha de ser particular. Paulo desejava que esta coleta fosse levantada antes de sua chegada, para que não houvesse nenhuma pressão (cons. II Co. 9:5). Este sistema revolucionaria os costumes da igreja atual!

3,4. O cuidado que Paulo tomava em questões de dinheiro é de se notar. Ele nunca pedia dinheiro para si mesmo e até não gostava de lidar com o dinheiro dos outros se houvesse a menor possibilidade de dúvidas a respeito. **Se convier**, provavelmente significa, "Se for suficientemente grande para que valha a pena que eu abandone outro trabalho e vá com a oferta" (cons. Rm. 15:25).

B. A Planejada Visita de Paulo. 16:5-9.

O apóstolo desejava passar algum tempo entre os coríntios. Por isso planejou passar pela Macedônia primeiro, em vez de ir diretamente a

Corinto. Foi uma mudança de planos, pelo que foi mais tarde criticado por alguns na igreja (cons. II Co. 1:15-17).

5,6. Para que me encaminheis nas viagens que eu tenha de fazer não envolve nenhuma ajuda financeira (cons. 9:15).

7. Se o Senhor o permitir. O apóstolo reconhece uma vontade acima da sua. Ele não se apegava às rédeas de sua vida.

8,9. Porta. Figurativo de uma oportunidade (cons. II Co. 2:12; Cl. 4:3). **Muitos adversários** podia ser o motivo de Paulo permanecer em Éfeso (cons. 15:32; Atos 19:1-41).

C. Recomendações, Exortações, Saudações e a Bênção. 16:10-24.

Sua planejada visita fê-lo lembrar-se de dois cooperadores seus no ministério em Corinto – Timóteo e Apolo.

10,11. Se Timóteo for dá a entender possíveis dificuldades (cons. 4:17; Atos 19:22). Timóteo era jovem e ao que parece um tanto tímido (I Tm. 4:12; 5:21-23; II Tm. 1:6-8; 2:1, 3, 15; 4:1,2), mas era um obreiro dedicado. É difícil imaginar um elogio maior do que este, **trabalha na obra do Senhor, conto também eu.**

12. Embora Paulo pudesse ter motivos para invejar Apolo (cons. 1:12), ele não tinha ciúmes do atraente e talentoso alexandrino. Como também não exercia autoridade sobre ele, pois embora Paulo desejasse *muito que fosse com os irmãos*, Apolo achou que não era a hora e não o fez. **Vontade** refere-se a Apolo.

13. Aqui começa uma série de exortações à igreja. As quatro primeiras palavras são palavras militares; na verdade, **portai-vos varonilmente** lembra o grito de guerra dos filisteus (cons. I Sm. 4:9). Cada um dos imperativos deste versículo e um do seguinte estão no tempo presente, expressando ações que devem ser contínuas.

15,16. A família de Estéfnas (cons. 1:16). **Que é cooperador e obreiro** (lit., *que se tem designado*) refere-se à "uma obrigação assumida de vontade própria" (ICC, pág. 395).

17,18. Estéfnas, Fortunato e Acaico eram provavelmente os portadores da carta dos coríntios a Paulo (cons. 7:1). **Ao meu espírito e**

ao vosso refere-se ao ânimo de Paulo e deles, que seria revigorado quando ouvissem o relatório dos seus representantes sobre a sua volta e quando lessem a carta.

19-24. Saudações finais, admoestações e a bênção. **Áquila e Priscila**, tanto em Roma (Rm. 16:3-5) como em Éfeso, mantinham reuniões dos santos em sua casa.

20. O ósculo santo (cons. Rm. 16:16; I Ts. 5:26; II Co. 13:12; I Pe. 5:14). Era um costume antigo. É uma exortação implícita para abandonarem suas facções.

21,22. O apóstolo toma a pena da mão do seu amanuense e escreve as palavras finais, cuja primeira declaração ecoa como um trovão. **Anátema.** O equivalente grego para o *herem* hebraico, significando "coisa destinada à destruição, objeto de maldição" (cons. Rm. 9:3; Gl. 1:8, 9; I Co. 12:3). A palavra devia estar seguida de ponto final. A palavra seguinte, **Maranata** (transliteração grega de uma expressão aramaica) pode significar "Vem, Nosso Senhor", ou "Nosso Senhor veio" (referindo-se à Encarnação), ou "Nosso Senhor vem" (Segunda Vinda). O contexto, com sua nota de advertência, decide pela última tradução (*Vem, Nosso Senhor!*)

23,24. A nota de advertência não é, entretanto, a nota final. Nem mesmo a bênção apostólica seria adequada; Paulo tinha de acrescentar com ternura, **O meu amor seja com todos vós.** Suas reprimendas feitas com amor, e o seu amor se estende a todos, até mesmo aos desviados e rebeldes.